

IV semana
de História

100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA:
controvérsias e impactos (1917-2017)

2017



Caderno de Resumos

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

CURSO DE HISTÓRIA

CADERNO DE RESUMOS

*IV Semana de História: 100 anos da Revolução Russa,
controvérsias e impactos (1917-2017)*

1ª edição

Edneila Chaves
Caio Pedrosa da Silva
(Organizadores)

DIAMANTINA/MG
UFVJM
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Reitor: Prof. Dr. Gilciano Saraiva Nogueira

Vice Reitor: Prof. Dr. Claudio Eduardo Rodrigues

Diretor da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades: Prof. Dr. Lucio do Carmo Moura

Coordenadora do Curso de História: Prof^a. Dr^a. Keila Auxiliadora Carvalho

Comissão Organizadora do Evento

Prof^a. Dr^a. Edneila Chaves

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva

Prof. Me. Mario Mariano Ruiz Cardoso

Prof. Me. Túlio César Dias Lopes

Thiago Antônio de Souza (discente)

Marcílio Carlos Ferreira Junior (discente)

Comissão Científica

Prof^a. Dr^a. Edneila Chaves

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva

Prof. Me. Mario Mariano Ruiz Cardoso

Prof. Me. Túlio César Dias Lopes

Prof. Dr. Cesar Henrique de Queiroz Porto

Prof. Dr. Wellington de Oliveira

Local do Evento

Campus JK – UFVJM

Rod. MGT 367, 5000 - Alto da Jacuba,
Diamantina/MG

Órgão Promotor

Curso de História/UFVJM

Financiamento

UFVJM

Apoio:

PROGRAD-UFVJM

PROEXC-UFVJM

PRPPG-UFVJM

SGEA-UFVJM

FAPEMIG

ADUFVJM-ANDES

SINDIFES

IV Semana de História (UFVJM): identidade visual

Textos: Caio Pedrosa da Silva



5º aniversário da Revolução Russa. Simakov, 1922

Pôster elaborado em 1922, para comemorar o 5º aniversário do início da Revolução Russa. Essa imagem foi elaborada pelo artista gráfico Ivan Vasilyevich Simakov (1877-1925). Tendo como personagem central um vigoroso homem do povo seguido por multidões, o pôster pode ser considerado um exemplo da estética realista socialista, que se desenvolveu nas décadas seguintes. Diferentemente da estética nacionalista, tem-se aqui um exemplo do esforço internacionalista da Revolução em seus primeiros anos. No cartaz, podem ser lidas as seguintes mensagens: “Viva o quinto aniversário da Grande Revolução Proletária”, em letras maiores no alto da imagem, e “4º Congresso da Internacional Comunista”, em letras menores no canto inferior esquerdo da imagem.



Vença os brancos com a cunha vermelha. Lissitzky, 1919

O pôster “Vença os brancos com a cunha vermelha” foi elaborado pelo artista judeu-russo Lazar Markovich Lissitzky em 1919. Unindo a vanguarda estética construtivista a esforços propagandísticos, Lissitzky (1890-1941) criou uma das mais icônicas imagens da faceta artística do movimento revolucionário russo. Tendo trabalhado com fotografia, arquitetura, artes gráficas e tipografia, Lissitzky, como outros vanguardistas do período, aproximou a busca contínua por inovação estética com as técnicas modernas. Seu trabalho teve profundo impacto nos caminhos do design gráfico ao longo do século XX.

Ficha Catalográfica - Sistema de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária: Jullyele Hubner Costa CRB-6/2972

Q1

IV Semana de História - 100 anos da Revolução Russa -
controvérsias e impactos, 1917-2017: Caderno de Resumos /
Organizado por Edneila Rodrigues Chaves e Caio Pedrosa da Silva.
Diamantina : UFVJM, 2017.
61 p. : il.

ISBN: 978-85-61330-74-3

1. História. 2. Revolução Russa. 3. Interdisciplinaridade. 4.
Ensino de História. 5. Historiografia. I. Chaves, Edneila Rodrigues.
II. Silva, Caio Pedrosa da. III. Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri. IV. Título.

CDD 947

Elaborada com os dados fornecidos pelos organizadores.



SUMÁRIO

Sumário	05
Apresentação.....	06
Programação Geral.....	08
Programação detalhada e Resumos.....	10
Conferências (19h-22h30)	10
Mesas de debates (14h-16h).....	10
Mesa de Debates (16h-18h)	13
Mesas de debates (19h-22h30).....	13
Cursos e Oficina (8h30-11h30)	14
Lançamento de livros (18h-18h50).....	18
Sessão de cinema (19h-22h30).....	18
Sessões de Comunicações (16h-18h).....	19



Apresentação

A Semana de História é um evento de caráter científico e acadêmico do curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e de edição anual, desde 2014. A sua quarta edição será realizada entre os dias 21 e 25 de novembro de 2017, no *Campus JK*, em Diamantina. Nesta, aborda-se a temática da Revolução Russa, neste ano de 2017, no qual se registram 100 anos da ocorrência desse fenômeno.

O objetivo geral da IV Semana de História é promover atividades científicas e de ensino na área de conhecimento da História. Objetiva-se especificamente: promover reflexão crítica sobre a construção do conhecimento sobre a Revolução Russa e sobre temas transversais de relevância para as sociedades atuais; oferecer a docentes e a discentes de cursos de graduação e de pós-graduação em História e em áreas afins formação complementar qualificada; proporcionar formação continuada de professores da Educação básica; proporcionar a difusão de pesquisas, de estudos e de práticas na área da História e de seu ensino; promover a popularização do conhecimento científico; promover discussões e ações em âmbito de políticas públicas. Assim, a relevância da realização do Evento se circunscreve nas suas linhas de atuação em âmbito da ciência histórica; do ensino de História; da popularização do conhecimento científico; da promoção do debate sobre políticas públicas.

Sobre a produção do conhecimento histórico científico relativo ao fenômeno Revolução Russa, trata-se de debate controverso. Pretende-se trazer contribuições significativas sobre o tema, com a reunião de conceituados pesquisadores de instituições científicas, em nível nacional. A divulgação de resultados de pesquisas e o diálogo entre pesquisadores, professores e discentes promoverão importantes debates sobre a relevância atual de produzir-se conhecimento sobre a Revolução Russa e seus impactos nas sociedades desde sua ocorrência. Tem-se em vista uma elaboração de conhecimento que problematize pressupostos controversos desse objeto, os quais se inscrevem em bases teóricas que fundamentam divergentes projetos de sociedades na atualidade, referenciados na interpretação historiográfica que valoriza o capitalismo ocidental e na interpretação de base marxista. Considera-se também a formulação de conhecimento e os debates relativos a temas transversais, sobre problemas e desafios postos nas sociedades contemporâneas.

As ações do Evento para discussão e promoção da popularização do conhecimento científico circunscrevem-se na formação continuada de professores; na formação política de trabalhadores filiados a seções sindicais locais, em parcerias para a participação deste público; na participação de integrantes de movimentos da sociedade civil, alinhados às temáticas de gênero e de movimentos sociais.

Quanto à discussão sobre políticas públicas, primeiramente, dá-se relevância a políticas públicas orientadas para a formação inicial e continuada de professores. Em segundo, e especificamente, essa discussão será promovida nas mesas que abordarão questões de gênero, educação e movimentos sociais, a ser contemplada nas mesas “Mulher e revolução”, “Educação, Movimentos, sociais e Revolução” e “Trabalhadores do campo no Brasil”. Nessas sessões, os debates abordarão histórico, estudos de caso, políticas públicas e demandas sociais relativas às temáticas referidas. Assim, pretende-se que as discussões instrumentalizem ações, em âmbito da Universidade e em âmbito da sociedade civil, que impactem na aplicação eficaz das políticas públicas existentes, nas suas reformulações necessárias e nas proposições de novas políticas mediante demandas sociais.

O Evento é de abrangência local e seus públicos-alvo são docentes e discentes do curso de graduação em História e de cursos de áreas afins da UFVJM, tanto de graduação como de pós-graduação, bem como docentes da Educação básica de Diamantina/MG, cidade sede do Campus JK da UFVJM. Espera-se também a participação dessas categorias de público-alvo de



outras instituições, especificamente de âmbito regional, como do Vale do Jequitinhonha, da região Norte da região Central do Estado de Minas Gerais. Outros participantes esperados são integrantes da comunidade acadêmica e da comunidade em geral.

Com o Caderno de Resumos, oferece-se aos participantes da IV Semana de História suporte com informações sobre a programação geral, a programação detalhada e resumos de trabalhos. Estes se constituem em conferências, mesas de debates, cursos, oficina, sessão de cinema e lançamento de livros. No Evento, serão oferecidas também atividades culturais, com a participação de artistas acadêmicos da UFVJM e artistas da cidade de Diamantina.

As mesas de debates I, II, V e VII, os cursos, a oficina, as comunicações e lançamento de livros foram propostos por: docentes do curso de História e de outros cursos de graduação da UFVJM; docentes do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais/UFVJM, bem como por docentes do Programa de Pós-graduação em História da Unimontes; discentes do curso de História e do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, ambos da UFVJM, discentes do curso do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais, ambos da UFVJM, discentes do Programa de Pós-graduação em História da Unimontes; e docentes de outras instituições. A chamada para a proposição de trabalhos foi com o objetivo de acolher contribuições efetivas dos diferentes públicos nos debates a serem estabelecidos sobre a temática principal, sobre temas transversais e sobre temas livres, os quais estarão orientados para os objetivos do Evento.

Pretende-se que a IV Semana de História promova: discussões historiográficas qualificadas sobre o fenômeno Revolução Russa; debates sobre temas e desafios das sociedades contemporâneas, transversais ao tema central; formação complementar qualificada; difusão de pesquisas e de estudos científicos, bem como difusão de estudos e de práticas na área de História e de seu ensino; a popularização do conhecimento científico; debates sobre políticas públicas. Em fim, constitua-se como lócus do debate em questão, em interlocução com outras instituições e com a sociedade em geral, em perspectiva científica e crítica de transformação social.

Bem-vindos à IV Semana de História (UFVJM)!

Profª. Drª. Edneila Chaves – UFVJM

P/Comissão Organizadora do Evento

Diamantina, outubro de 2017



PROGRAMAÇÃO GERAL

Horário	21/11 (terça)	22/11 (quarta)	23/11 (quinta)	24/11(sexta)	25/11
08:30h-11:30h	Cursos e oficina	Cursos e oficina	Cursos e oficina	Cursos e oficina	
14h-18h	Credenciamento		-	-	
14h-16h	Mesas de debates				
14h-16h	<p align="center">Mesa de debates I</p> <p><i>A influência da Revolução Russa no processo de independência dos países africanos de matriz portuguesa - 1970/1980</i></p> <p>Prof. Dr. Wellington Oliveira (UFVJM) Valmir Alves (UFMG)</p>	<p align="center">Mesa de debates III</p> <p><i>Mulher e Revolução</i></p> <p>Profª Me. Betzaida Mata Machado Tavares (E.T.F.G. Sebrae - Pedro Leopoldo) Profª Drª Joana El-Jaick Andrade (IFTM)</p>	<p align="center">Mesa de debates V</p> <p>(PPGER/UFVJM)</p> <p><i>Agricultura, campesinato e transformação social: as contribuições de Chayanov, da geografia e da literatura na Rússia pré-revolucionária e revolucionária</i></p> <p>Profª Drª Aline W. Sulzbacher Profª Drª Edneila Chaves Prof. Dr. Marcos Lobato Martins</p>	<p align="center">Mesa de debates VII</p> <p>(PPGER/UFVJM)</p> <p><i>Novos e velhos sujeitos históricos: a organização sociopolítica dos trabalhadores do campo no Brasil</i></p> <p>Prof. Dr. Alan F. Nascimento Rafael Pereira Santos Prof. Dr. Marcos Lobato</p>	
16h-18h	Mesas de debates		Sessões de comunicações		
16h-18h	<p align="center">Mesa de debates II</p> <p><i>Ecoss da Revolução Russa nas trajetórias de Carlos Marighela e José Maria Alkmin</i></p> <p>Prof. Dr. César Henrique Porto (Unimontes)</p>	<p align="center">Sessões de comunicação - I e II</p>	<p align="center">Sessão de comunicação - III e IV</p>	<p align="center">Sessão de comunicação - V</p>	



	Prof. Dr. Laurindo Mekie Pereira (Unimontes)				
Horário	21/11 (terça)	22/11 (quarta)	23/11 (quinta)	24/11 (sexta)	
18h-18:50h	Intervalo cultural com Joyce Santos e Marcelo Brant : “Fitas e sons”	Intervalo cultural com Banda Majora (Barbara Rezende, Fabio Henrique, Joelmir Brandão, Raphael Cima)	Intervalo cultural com Daniel Gomes e João Lucas : “Clássicos no violão e saxofone”	Intervalo cultural com Raphael Cima : “Cinema russo: Serguei Eisenstein” e com Débora Barcellos e Marcelo Rocha : “A Revolução será cantada”	
19h-22:30h	Conferência de abertura (I) <i>Revolução Russa: ontem e hoje</i> Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás (USP)	Mesa de debates IV <i>Socialismo e contrarrevolução - séculos XX-XXI</i> Profª Drª Virgínia Fontes (UFF) Prof. Dr. José Milton Pinheiro de Souza (UNEB)	Mesa de debates VI <i>Educação, Movimentos Sociais e Revolução</i> Prof. Dr. Antonio Julio de Menezes Neto (UFMG) Profª Drª Samantha Lodi-Corrêa (FIMI)	Conferência (II) <i>Realidade e lenda do bolchevismo</i> Prof. Dr. Osvaldo Coggiola (USP)	
19h-22:30h	Conferência de abertura (I) <i>Revolução Russa: ontem e hoje</i> Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás (USP)				Cine Mercúrio <i>Um homem com uma câmara</i> Sessão com o Prof. Dr. Caio Pedrosa



PROGRAMAÇÃO DETALHADA E RESUMOS

CONFERÊNCIAS (19H-22H30)

21/11 (terça-feira) - Conferência de Abertura (I)

Revolução Russa: ontem e hoje

Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás (USP)

24/11 (sexta-feira) – Conferência (II)

Realidade e lenda do bolchevismo

Prof. Dr. Osvaldo Coggiola (USP)

Resumo:

Ao longo dos anos, a história do bolchevismo foi feita e refeita, ao calor das vicissitudes políticas e ideológicas. Ela exemplifica, melhor do que outras, a ilusão de uma história “imparcial”, portadora de verdades absolutas ou de conclusões definitivas. Raramente, por outro lado, trata-se do aparecimento de dados ou documentos novos, mas de uma reinterpretação dos antigos, o que sublinha o caráter político-ideológico da questão. O bolchevismo não foi (só) o produto de um conjunto de individualidades brilhantes e de suas lutas políticas e ideológicas, mas da própria história do movimento operário e da revolução russa e internacional. Sem esse contexto, ele fica emancipado da história e, portanto, incompreensível.

MESAS DE DEBATES (14H-16H)

21/11 (terça-feira) - Mesa de debates I (PPGH/Unimontes)

Ecos da Revolução Russa nas trajetórias de Carlos Marighela e José Maria Alkmin

A recepção das ideias socialistas no Brasil e o peso do fantasma vermelho na política brasileira

Prof. Dr. César Henrique de Queiroz Porto (Historia; PPGH/Unimontes)

Carlos Marighela: a influência das ideias socialistas na trajetória do parlamentar revolucionário

Danyele Naiara Santos Dias (Mestranda em História/PPGH/Unimontes)

Da Ala Moça ao golpe de 1964: a trajetória de José Maria Alkmin do reformismo à articulação da queda de João Goulart

Prof. Dr. Laurindo Mekie Pereira (Historia; PPGH/Unimontes)

Resumo:



O objetivo da mesa é propor uma reflexão acerca da influência da Revolução Russa e do subsequente regime socialista no campo político no Brasil no período democrático, compreendido entre as ditaduras varguista e militar. Elegemos para análise duas personalidades específicas cujas trajetórias espelham a recepção controversa dos sinais emitidos por Moscou. Marighela é representativo de uma geração de jovens brasileiros que se identificaram com os ideais socialistas e cuja vida é indissociável desse projeto; Alkmin ilustra a trajetória de segmentos expressivos da sociedade brasileira que abraçam propostas reformistas ao longo dos anos 1950 e que, na polarização ideológica dos anos 1960, orientam toda a sua prática política sob o temor do fantasma vermelho, alinhando-se aos setores mais conservadores.

22/11(quarta-feira) - Mesa de debates III

Mulher e Revolução

Profª Me. Betzaida Mata Machado Tavares

(Escola Técnica de Formação Gerencial - Sebrae, Pedro Leopoldo/MG)

Resumo:

A situação social das mulheres e as condições para a sua emancipação são temas frequentes nas elaborações teóricas marxistas. Desde Marx e Engels, passando por marxistas que escreveram no calor da Revolução Russa até os tempos atuais, o fato é que a questão feminina sempre esteve presente dentro da tradição marxista. O próprio termo “questão feminina” é construção dessa corrente de pensamento e traz em sua definição a ambiguidade com que o tema foi tratado pelos marxistas: ao mesmo tempo em que sugere que a condição social feminina no projeto marxista é importante, uma vez que foi sistematizada e analisada separadamente dentro de seu arcabouço teórico, indica, também, que essa questão é apenas parte de um problema social maior, o que, muitas vezes, acaba justificando que ela seja relegada a um segundo plano em benefício do projeto mais amplo. Diante disso, pretende-se, nesta apresentação, apresentar, num primeiro momento, a abordagem de três teóricos marxistas acerca da “questão feminina”: August Bebel, Clara Zetkin e Alexandra Kolontai. Num segundo momento, será analisada a condição das mulheres na União Soviética desde os primeiros anos da Revolução Russa até o fim do período stalinista, em 1953.

Profª Drª Joana El-Jaick Andrade (IFTM): *O legado do feminismo revolucionário e a luta das mulheres na contemporaneidade*

Resumo:

O processo revolucionário levado a cabo na Rússia em 1917 contou com a participação ativa e entusiasmada de um grande contingente de militantes feministas que viam nesse a oportunidade de atingirem sua própria emancipação através da construção de um novo projeto social. O papel das mulheres na Revolução Russa, tanto nas ruas e fábricas quanto na esfera dos partidos socialistas, não pode ser menosprezado uma vez que impuseram uma agenda progressista de reconhecimento de direitos civis, políticos e sociais, reivindicando a igualdade jurídica entre homens e mulheres mesmo à revelia da vontade de segmentos da própria classe trabalhadora. A difícil tarefa de erigir e difundir uma cultura proletária, apoiada em novos valores e comportamentos, em uma sociedade com fortes traços patriarcais, tradicionais e religiosos exigiu enorme esforço e sacrifício por parte das mulheres revolucionárias, que passaram a ocupar espaços que

até então lhes eram negados por serem considerados impróprios à sua natureza. Para além da perspectiva determinista que enxergava que as mudanças promovidas nas relações de produção conduziram inevitavelmente a transformações superestruturais na esfera do Estado, da família e das ideias, as mulheres revolucionárias procuraram criticar a inércia da burocracia partidária e exigir a imediata socialização do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças (com a criação de creches públicas, internatos, restaurantes e lavanderias coletivas), ingresso no mercado de trabalho em condições de igualdade, equiparação salarial, direito ao divórcio, reconhecimento das uniões estáveis, igualdade entre filhos legítimos e ilegítimos, direito à pensão, direito ao aborto, acesso à educação e direito ao voto e associação. A perspectiva do feminismo marxista, que procurou relacionar a luta de classes com a emancipação de gênero, tem ainda enorme relevância nos dias atuais, ao orientar estudos que levam em conta a interseccionalidade entre classe, raça, sexualidade, religião, nacionalidade e outras categorias identitárias, articulando-as e relacionando-as com a totalidade sistêmica do modo de produção capitalista. Deste modo, buscam superar inúmeros obstáculos surgidos a partir da fragmentação interna das forças sociais transformadoras e assim agregar as múltiplas demandas formuladas pelas novas gerações de feministas. Tal influência será precisamente o objeto de análise do presente trabalho.

Palavras-Chave: Feminismo; Marxismo; Revolução Russa; Mulheres revolucionárias

23/11 (quinta-feira) - Mesa de debates V (PPGER/UFVJM)

Agricultura, campesinato e transformação social: as contribuições de Chayanov, da geografia e da literatura na Rússia pré-revolucionária e revolucionária

Profª Drª Aline Weber Sulzbacher (Geografia, PPGER/UFVJM)

Profª Drª Edneila Chaves (História, PPGER/UFVJM)

Prof. Dr. Marcos Lobato Martins (História, PPGER/UFVJM)

Resumo:

Com a mesa intitulada “Agricultura, campesinato e transformação social: as contribuições de Chayanov, da geografia e da literatura na Rússia pré-revolucionária e revolucionária” propõe-se para debate a temática agrária, destacando as seguintes vertentes: as relações agrárias na Rússia à época da revolução, com enfoque para as contribuições teórica e política de Chayanov sobre a compreensão dos processos internos de funcionamento das unidades familiares de produção na agricultura e sobre as potencialidades dos camponeses russos; a geografia agrária da Rússia pré-1917, a questão agrária na Rússia e sua contribuição para a revolução, as relações de trabalho no campo, as perspectivas dos geógrafos russos sobre o processo revolucionário; e as representações literárias e o pensamento crítico no período do regime czarista, sobre o camponês e o mundo rural russo oitocentista, nas perspectivas de Turguêniev, Dostoiévski e Tolstói.

24/11 (sexta-feira) - Mesa de debates VII (PPGER/UFVJM)

Novos e velhos sujeitos históricos: a organização sociopolítica dos trabalhadores do campo no Brasil



De Vargas à Ditadura Militar: a constituição dos direitos do homem do campo diante da formação socioeconômica brasileira

Prof. Dr. Alan Faber do Nascimento (Turismo, PPGER/UFVJM)

As contradições da modernização no Vale do Jequitinhonha: considerações acerca da ação coletiva e das identidades sociais dos trabalhadores do garimpo em Diamantina

Prof. Dr. Marcos Lobato Martins (História, PPGER/UFVJM)

O Estado e a resistência territorial dos pescadores artesanais, quilombolas e vazanteiros no norte de Minas Gerais

Rafael Pereira Santos (Mestrando - PPGER/UFVJM)

Resumo:

A proposta desta mesa redonda é contribuir com a discussão acerca da trajetória sociopolítica dos trabalhadores do campo no Brasil. Ideologicamente, tratados como sujeitos históricos laterais, superáveis, ou, até mesmo irrelevantes, a ideia é debater acerca dos dilemas e das contradições vividos por esses trabalhadores, seja em âmbito nacional ou regional, e das possibilidades, todavia, oriundas da práxis do homem do campo. Para isso, a discussão será balizada por três momentos. Num primeiro momento, tomando como referência os marcos históricos do Estado Novo Vargasista (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1985), será realizada uma discussão sobre a constituição dos direitos dos trabalhadores do campo, com base na forma como, atentando para as mediações do Estado, o capitalismo historicamente se desenvolveu em nossa realidade socioeconômica. As referências desse período serão: a não extensão da legislação trabalhista aos trabalhadores do campo durante o varguismo; e, no período da ditadura militar, a modernização da agricultura brasileira por meio de subsídios estatais, e não pela via da reforma agrária. Num segundo momento, o debate versará sobre as contradições da organização dos trabalhadores na economia do garimpo do Vale do Jequitinhonha em fins do século XIX e durante o século XX, em especial desde a chegada das empresas estrangeiras à atividade mineradora e à luz das novas relações de trabalho associadas à mecanização da extração. E num terceiro momento, será objeto de discussão a luta social e política das comunidades tradicionais sanfranciscanas, em face de processos históricos de expropriação territorial, notadamente a partir da década de 1960, em razão da formação de latifúndios financiados por incentivos estatais

MESA DE DEBATES (16H-18H)

21/11 (terça-feira) - Mesa de debates II

A influência da Revolução Russa no processo de independência dos países africanos de matriz portuguesa - 1970/1980

Prof. Dr. Wellington Oliveira (UFVJM)

Valmir Alcantara Alves (UFMG)

MESAS DE DEBATES (19H-22H30)



22/11 (quarta-feira) - Mesa de debates IV

Socialismo e contrarrevolução - séculos XX-XXI

Profª Drª Virgínia Fontes (UFF)

Prof. Dr. José Milton Pinheiro de Souza (UNEB)

23/11 (quinta-feira) - Mesa de debates VI

Educação, Movimentos Sociais e Revolução

Prof. Dr. Antonio Julio de Menezes Neto (UFMG)

Profª Drª Samantha Lodi-Corrêa (FIMI): *Nadezhda krupskaia e a prospota de educação na Rússia revolucionária*

Resumo:

Nos últimos anos uma educadora que teve ativa participação no processo revolucionário russo tem sido constantemente citada no Brasil, trata-se de Nadezhda Krupskaia (1869-1937). Com o centenário de Revolução Russa, vida e obra de sujeitos que operacionaram a formulação de uma nova sociedade são estudadas. Este trabalho tem por objetivo apresentar, sucintamente, dados biográficos de Krupskaia para depois focalizar-se em alguns textos de sua obra educacional, evidenciando a importância desta “estrela vermelha”. A revolucionária foi considerada a primeira pedagoga comunista, buscando na teoria de Marx, Engels e Lenin os subsídios necessários para pensar a educação do “novo homem”, que deveria ser trabalhador em uma sociedade solidária e coletivista. Sua proposta envolvia a formação de crianças e jovens para a concepção socialista/comunista, sem classes, na qual os sujeitos fossem mais importantes que o lucro e o capital. Trabalhou com afinco para instrução da juventude trabalhadora, que deveria ter acesso a uma educação geral gratuita e obrigatória até os dezesseis anos, com a promoção de bibliotecas, salas de leituras, projeção de filmes científicos e incentivo para cursos de aut capacitação. Para esta nova concepção educacional colocasse fundamental a criação de uma escola livre, construída coletivamente enquanto se edificava o socialismo. Em seus textos, além de uma proposta sem divisão de classes, há também a defesa dos mesmos direitos para homens e mulheres, ou meninos e meninas, como ela colocou em seus textos educacionais.

Palavras-chave: Nadezhda Krupskaia; Educação e revolução; Educação soviética; História da educação.



CURSOS E OFICINA (8H30-11H30)
Grupo 1 - 21/11 e 22/11 (terça e quarta)

▪ *Lenin e a verdadeira Crítica da Economia Política*

Prof. Dr. Fernando Leitão Rocha Junior
(FACSAE-Ciências Econômicas / PPGTS – UFVJM)

Resumo:

Lenin numa de suas mais célebres frases disse: “marxismo é análise concreta de situação concreta”. Se ao publicar em 1917 o livro: *Imperialismo, estágio superior do Capitalismo*, o autor contribuiu de forma definitiva para a efetiva compreensão da nova fase vivenciada no Modo de Produção Capitalista, isto é, a fase Monopolista. A obra leniniana constitui-se uma grande síntese de um debate que se gestava desde o início do século (sintetizada em seus Cadernos sobre o Imperialismo, que será a base para a redação de seu livro em 1916). Neste sentido, *Imperialismo, estágio superior do Capitalismo*, sintetiza os traços fundamentais do Imperialismo, explicitando como a dinâmica de acumulação e reprodução capitalista, passa a ser regida não mais pela simples exportação de mercadorias e sim pela exportação de capital, entrando em cena como protagonista principal o capital financeiro. Sabe-se que Lenin desde 1888, ou seja, como apenas 18 anos de idade passa a estudar de forma rigorosa e sistemática O Capital de Marx, esta relação estabelecida com a crítica da Economia Política, rende seus primeiros frutos em 1899 com a publicação da obra: *Desenvolvimento do Capitalismo Agrário na Rússia*. Este estudo marcará a construção de um eixo teórico- crítico que acompanhará o autor ao longo do desenvolvimento posterior de toda a sua obra. Vale a pena ainda sinalizar que Lenin mesmo desconhecendo parte importante da obra marxiana inédita até então (como por exemplo, a Ideologia Alemã escrita juntamente com Engels, os Manuscritos de Kreuznach e ainda os Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844), não incorreu em erros substantivos, pelo contrário, indicou com profunda clareza teórico-metodológica, o tripé que edifica o pensamento de Marx, a saber: Teoria do Valor-Trabalho, Método de Investigação/Exposição e a luta de Classes/Perspectiva de Classe, elementos estes que constituem o fulcro de seu estudo sobre as três fontes constitutivas do marxismo publicado em 1913) Portanto, estabelecer as conexões que marcam a relação do pensador Russo com a Crítica da Economia Política é de suma importância para o efetivo entendimento do *modus operandi* do Capitalismo, como no fortalecimento de uma sólida teoria que possa apreender os nexos constitutivos do capital, pois como o próprio Lenin nos ensinou: “não existe ação/prática revolucionária sem Teoria Revolucionária!

▪ *O anarquismo e a revolução Russa*

Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho
(FCBS / PPGSaSA / PPGER - UFVJM)

Resumo:

A partir da percepção de autores como Emma Goldman, Kropotkin, e do movimento Macknovista. Pretende-se dialogar sobre a Revolução Russa e o movimento anarquista que se fez tão vivo durante “os dez dias que abalaram o mundo”. E como o movimento anarquista foi apagado, esquecido, no desdobramento da revolução e depois na produção historiográfica que precedeu a Revolução



- *Os impasses de uma Revolução na atualidade*

Prof. Dr. Atanasio Mykonios
(FIH-BHu / Grupo Crítica Social – UFVJM)

Resumo:

A ideia é trazer à baila uma reflexão acerca de três elementos no que tange à aridez relativa a uma possível revolução. O capitalismo como sistema social mundial; a sua crise sistêmica; o desdobramento dialético do capitalismo e das lutas de classe; as condições gerais de produção e o esgarçamento histórico da organização política dos trabalhadores

Grupo 2 - 23/11 e 24/11 (quinta e sexta)

- *A Arqueologia e o Vale do Jequitinhonha*

Ana Rosa Lima (graduanda, FIH-BHu / LAEP–UFVJM)
Wellington Santos Greco (mestrando, FIH-MPICH/LAEP–UFVJM)
Roberto Pilade Gambassi Junior (LAEP-PAAJ–UFVJM - GEOCARE)

Resumo:

A Arqueologia é a ciência que busca entender as dinâmicas das sociedades humanas no tempo, por meio de elementos materiais de cultura. Entender as mudanças, diferenças e similaridades entre os seres humanos, sejam estas biológicas ou culturais, em diferentes lugares do mundo e diferentes momentos através do tempo, nos tornam capazes de compreender e respeitar estas particularidades. Desse modo, a Arqueologia é, antes de tudo, um estudo de cultura(s). Embora apareça, muitas vezes, associada ao passado, é também uma ciência do presente. Despertar o interesse pelas vicissitudes das sociedades aliando Arqueologia e História é o principal objetivo deste mini-curso, mostrando as particularidades culturais e identitárias através do estudo de conjuntos arqueológicos do Vale do Jequitinhonha.

- *Centenário da Revolução Russa: a transformação social passa a socialização cotidiana*

Profª. Drª. Josélia Barroso Queiroz Lima (FIH-BHu - UFVJM)

Resumo:

A proposta que se desenha não pretende colocar em discussão a revolução russa em suas bases históricas (aprofundadamente), mas colocar em análise como o processo revolucionário refletiu em trajetórias de lutas, na construção e ressignificação das relações de gêneros e as relações cotidianas. Nesse sentido, a oficina visa colocar em diálogo duas diferentes mulheres: Olga Benário (comunista, ativista política) e Sabina Spielrein (psicanalista), ambas mortas durante a Segunda Guerra Mundial. A ideia que se propõe é assistir ao Filme: Jornada da Alma, de Roberto Faenza, como cenário que narrando o adoecimento mental de Sabina, retrata e ilustra as relações patriarcais e sociais que levam ao seu adoecimento. O processo de construção da ciência psicanálise e a superação do adoecer, permitindo a construção de outros modos de socialização pela educação de crianças. Após a exibição do filme, ler e discutir um trecho do Livro: Olga, de Fernando Moraes. No qual Olga coloca em discussão as relações de gênero e discute com as mulheres sobre os valores impostos aos homens/machos, e naturalizados nos ideais femininos do sexo “livre”. As trajetórias



das duas mulheres têm o objetivo de refletir sobre o nosso cotidiano, de modo a identificar as questões sociais e simbólicas que na atualidade, ainda, se mantém como desafio a ser enfrentado.

- *Estado, Partido Comunista e Revolução: breve história do Movimento Comunista Internacional*

Prof. Túlio César Dias Lopes (FIH-História - UFVJM)

Resumo:

Para buscar compreender o processo revolucionário Russo de 1917, assim como a construção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a História do Movimento Comunista Internacional torna-se fundamental conhecer e estudar alguns conceitos básicos do Comunismo tais como: Estado, Partido Comunista e Revolução. Buscaremos neste mini-curso resgatar o debate no campo marxista sobre algumas questões fundamentais do processo revolucionário Russo que deu forte impulso na construção do Estado Soviético e na organização do movimento comunista internacional. Para os comunistas, a luz das análises referenciadas no Marxismo, o Estado deve ser superado por meio da luta de classes, nesta destacamos o papel da política e a necessidade do partido político. O partido político, de “novo tipo” na perspectiva leninista, exerce potencialmente a tarefa de “educação política dos quadros e militantes”, a partir do referencial teórico do marxismo, para garantir a direção consciente do movimento espontâneo da classe trabalhadora. Lênin reforça a necessidade da ação política centralizada e organizada do Partido Revolucionário como condição indispensável para a luta revolucionária. Na perspectiva comunista cabe ao partido revolucionário o papel de organizar a luta política da classe trabalhadora para superar o poder do capital e garantir o domínio do trabalho na construção de um Estado proletário de transição. A construção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi uma das primeiras experiências históricas de formação de um Estado Proletário dirigido por um Partido Revolucionário. A partir da Revolução Russa de 1917 surgiram diversos partidos comunistas em todos os cinco continentes formando a partir de 1919, o Movimento Comunista Internacional. O Comunismo tornou-se a partir da Revolução Russa uma força política, militar, cultural e ideológica capaz de incidir sobre a História Mundial interferindo em diversos acontecimentos e processos históricos. Para contribuir com a temática dos 100 anos da Revolução Russa ofertamos este mini-curso.

- *1917, um ano de revoluções: a luta por direitos sociais e políticos no México e na Rússia*

Prof. Caio Pedrosa da Silva (FIH-História – UFVJM)

Prof^a. Edneila Chaves (FIH-História / PPGER – UFVJM)

Resumo:

Em uma conjuntura atual, nacional e internacional, na qual garantias e direitos sociais adquiridos e em formulação foram destituídos e estão em processo de destituição, verifica-se em uma correlação de forças sociais, traduzida por disputas de diferentes projetos de sociedade. Neste sentido, torna-se relevante o estudo e a reflexão sobre processos históricos que configuraram as lutas e as transformações sociais, que atravessaram os últimos cem anos. Em 2017, perfazem cem anos de dois fenômenos essenciais para essa reflexão: a eclosão da Revolução Russa e a promulgação da Constituição revolucionária mexicana. Ocorrendo em sociedades e contextos



diferentes, ambos tornaram-se referências de processos sociais transformadores para as sociedades desde então. A Constituição mexicana, resultado do processo revolucionário iniciado em 1910, foi um marco para o estabelecimento dos direitos sociais no período entre guerras, em sociedades que buscavam alternativas tanto ao predomínio do liberalismo econômico, quanto às referências sociais centradas em experiências históricas europeias. Salientam-se, especialmente, os artigos constitucionais a respeito das questões trabalhista e agrária, que permitiram profundas reformas nas décadas seguintes e inspiraram outras constituições no mundo, e aqueles a respeito da questão religiosa provocaram discussões acaloradas nas Américas e na Europa. Em diálogo com o processo revolucionário mexicano da década de 1910, cuja Constituição revolucionária tornou-se referência mundial para o estabelecimento de direitos sociais, como referido, a abordagem sobre a Revolução Russa em 1917 é sobre seu viés de revolução social, em atenção às reivindicações sociais e políticas de emancipação da sociedade russa. Em um primeiro plano, a reivindicação dos pobres da cidade era pão; dos operários, melhores salários e menos horas de trabalho; dos agricultores, a grande maioria dos russos, era terra; e todos queriam o fim da participação da Rússia na Primeira Grande Guerra. Nestes termos, os bolcheviques tiveram a capacidade de condensar as demandas da sociedade em revolução - sob o slogan “Pão, Paz e Terra” - e conduzir o processo revolucionário socialista. Assim como a Constituição mexicana de 1917, a luta social da Rússia revolucionária, para além de “Pão, Paz e Terra” tornou-se um referencial em nível mundial para as lutas sociais e políticas, de caráter revolucionário e não revolucionário, de outras sociedades contemporâneas desde então, marcadas por desiguais e hierárquicas relações sociais.

LANÇAMENTO DE LIVROS (18H-18H50)

23/11 (quinta-feira)

- Samantha Lodi-Côrrea
Nadezhda Krupskaja: uma estrela vermelha
- Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani; João Baptista Vieira Gomes e Eduardo Pires de Oliveira
Entre Braga e Diamantina, histórias de Sibilas
- Wellington de Oliveira, Erick Johanns de Meira, Fernando Bueno e Ewerton Souza Diniz
Experiências e Perspectivas no Ensino de História na Formação Docente

SESSÃO DE CINEMA (19H-22H30)

25/11 (sábado)

Cine Mercúrio

Um homem com uma câmara (Dziga Vertov)

Sessão comentada com o Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES (16H-18H)

Sessão de comunicação I – 22/11 (quarta-feira)

Coordenação: Prof^ª. Keila Auxiliadora Carvalho

Autor(es)	Título
Regiane Aparecida Farias Ferreira Mariana Santos Miranda	Mulheres na História: a importância feminista para a representação da mulher na História
Tulio Henrique Pinheiro Gerfeson Carvalho dos Santos	A mulher Rural dos vales do Jequitinhonha nos anos finais do século XX
Taislane Vieira	Militância e Feminismo em <i>Parque Industrial</i> de Patrícia Galvão
Piter Jonathan dos Santos Pereira	A mulher à luz do <i>Malleus Maleficarum</i>
Mariana Santos Miranda Flávia Aparecida Amaral	Joana D'Arc no Cinema

Sessão de comunicação II – 22/11 (quarta-feira)

Coordenação: Prof. Caio Pedrosa da Silva

Autor(es)	Título
Paulo Moisés de Melo Júnior	As instituições políticas no Estado Novo
Danyeley Nayara Santos Dias	A questão feminina no discurso de um deputado comunista: “temas abordados pelo deputado Carlos Marighella em sua sabatina com as mulheres baianas” (maio de 1946)
Laurindo Mekie Pereira	O intelectual e a ditadura: Gilberto Feyre, o lusotropicalismo e o regime de Salazar

Sessão de comunicação III – 23/11 (quinta-feira)

Coordenação: Prof. Túlio César Dias Lopes

Autor(es)	Título
Danne Vieira Silva	Apontamentos histórico-filosóficos sobre as origens e a decadência ideológica nas Ciências Econômicas
Marcos Vinícius Santos Machado Edneila Chaves	O conceito de classe social de E. P. Thompson em “A formação da classe operária”
Elisdael Oliveira Santos	A cultura política trabalhista em Montes Claros durante o período democrático (1945/1964)
Jannyllian Christine da Silva Viana Alan Faber do Nascimento	A reconfiguração do movimento sindical no governo Lula (2003-2010)



Sessão de comunicação IV – 23/11 (quinta-feira)

Coordenação: Prof^a. Maria Cláudia Magnani

Autor(es)	Título
Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani	Os véus nas pinturas e as pinturas nos véus: as sibilas dos panos quaresmais de Diamantina
Ana Rosa Lima	Os sentimentos marcados no barro: análise estilística dos cachimbos afro-brasileiros em Diamantina, MG
Helena Gomes da Costa Túlio Henrique Pinheiro	A importância da religião como regulador da ordem social e dos costumes
Arthur Benicio de Oliveira Mello	Os templários segundo São Bernardo de Claraval

Sessão de comunicação V – 24/11 (sexta-feira)

Coordenação: Prof. Wellington Oliveira

Autor(es)	Título
Fernando Cesar Pereira Bueno	O papel da escola na época da informação e suas tecnologias
Kamila Cristina De Souza Matheus Leão Rocha Natalia Francisco	Trabalhando com mídias - PIBID
Abner Miguel Rodrigues Pereira Oslane Kevelly Teles Da Silva	Patrimônio em cartas
Marlene Jéssica Brito Matheus Leão Anderson Gomes Ribeiro Delaine Marques Rhayane Santos Douglas Silva Wellington Gonçalves Elizabeth Seabra	A festa de Santo Antônio em Diamantina/MG
Wellington Carlos Gonçalves	Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: Produção do conhecimento no ensino de História a partir da imprensa enquanto fonte histórica

Sessão de comunicação I – 22/11 (quarta-feira)

Mulheres na História:

A importância feminista para a representação da mulher na História

Regiane Aparecida Farias Ferreira (1*); Mariana Santos Miranda (2)

1,2: *Discentes do curso de Bacharelado em Humanidades - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina - MG*

*E-mail da autora: regianedovale@outlook.com

Palavras chaves: mulher; feminismo; história

1. Introdução

O trabalho aqui apresentado busca abordar a importância do feminismo para a representação das mulheres dentro da história e para a história, enquanto agentes sociais e pesquisadoras. “Beard atribuiu as escassas referências à mulher ao fato de a grande maioria dos historiadores, sendo homens, ignorarem-na sistematicamente.” (AGUIAR, p. 99).

A ideia da pesquisa surgiu a partir da necessidade de desenvolver estudos específicos sobre as mulheres que não são contadas na história, e sobre as mulheres pesquisadoras que escrevem a história. Tem como objetivo correlacionar aspectos das teorias críticas sobre a presença e atuação das mulheres como protagonistas de uma história escrita majoritariamente por homens. Esta realidade mostra que o debate político sobre a atuação das mulheres, entendendo a importância do feminismo como meio de conquistas sociais para as mulheres, o objetivo do projeto é ir além. (FISCHER, 2014). Neste sentido, alguns questionamentos têm sido pertinentes, compondo a problemática o nosso trabalho:

A) por que a mulher é marginalizada no contexto histórico?

B) por que poucas mulheres escrevem sobre assuntos históricos?

Serão realizadas análises de referenciais teóricos aonde apontam o crescimento de trabalhos acadêmicos a respeito das mulheres.

2. Metodologia:

A pesquisa terá como método a observação da história das mulheres na História, buscando compreender o lugar de pertencimento no que se é contado, discutindo as mudanças do contexto histórico, a frequência que são citadas, e a forma em que são referenciadas.

Considerando ser um tema de grande debate entre as estudantes dos cursos de História, buscar-se-á analisar a escrita por essas mulheres, tendo como instrumento de pesquisa a história cultural e a história social, por meio de um intenso trabalho de discussão teórica, aliado a uma revisão da bibliografia referente ao tema. Neste caso, está sendo realizado um inventário de publicações acadêmicas escritas por mulheres.

3. Fundamentação teórica e discussões

Fala-se da mulher como agente social desde o século XIX, “respeitada, porém, a identificação mulher/natureza, em oposição àquela de homem/cultura” (AGUIAR, p. 98). A imagem da mulher sempre relacionada a papéis sociais voltados para o feminino dentro dos padrões sociais do século XIX, aonde a mulher que fugia de tais padrões e realizava atividades vistas como masculinas eram julgadas pela sociedade. A escola dos *Annales* também contribuiu para falar a respeito da mulher apesar de os mesmos não abordarem o tema. Movimento como o marxismo buscava explicar a sociedade como a luta de classes, justificando mais uma vez a falta de representação dos estudos sobre a mulher. Foi somente na década de 1960, junto ao crescimento do movimento feminista, cresce dentro da historiografia as vertentes de história social e cultural, reforçando o avanço na abordagem do feminino.

4. Resultados

O debate proposto pelo trabalho é entender a importância social do feminismo dentro do campo acadêmico, as pesquisas das ciências Humanas voltadas para a área da história com um outro olhar: O olhar da mulher. “Seria o feminismo uma ideologia política ou uma perspectiva crítica do conhecimento que, superando os preconceitos de gênero nas relações sociais, teria um lugar importante na revisão de ciências que omitem as mulheres.” (AGUIAR, p. 9-10)

Ainda não é possível afirmar categoricamente que as pesquisas relacionadas ao gênero foram ocasionadas graças a expansão da onda feminista nos anos 60, porém já é notório o



novo olhar que a história ganhou depois que passou a entender como fonte não apenas os documentos oficiais. Ampliar as fontes da história deu a oportunidade de entender camadas até então extremamente marginalizadas.

5. Considerações finais

São necessários estudos a respeito do gênero para entender a importância de representação. Os grupos minoritários na era contemporânea têm a cada dia ganhado mais força não só nas relações sociais, mas, também dentro do meio acadêmico. Entender o que fulminou tal acontecimento é, mais uma vez, entender a importância das lutas durante os séculos. É evidente a mudança das trajetórias das mulheres dentro dos materiais acadêmicos, mas, é preciso entender de fato o aumento no interesse de se pesquisar o gênero feminino e quem faz as pesquisas.

6. Referências

- AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio a ciência desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- ANDES-SN. Mulheres em movimento nas lutas sociais e sindicais. *Revista Universidade e sociedade*, n. 58. Junho de 2016.
- FISCHER, Stela. Gênero, mulheres artistas de teatro e a experiência do coletivo rubro obscuro. *Revista LUME*, São Paulo, n.5, 2014.
- O CORREIO. A nova imagem da mulher. Rio de Janeiro: n. 1, Outubro, 1975.
- SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 54. Dezembro de 2007.

A mulher Rural dos vales do Jequitinhonha nos anos finais do século XX

Tulio Henrique Pinheiro (1*); Gerefson Carvalho dos Santos (2*)

1Discente do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

2Discente do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

*E-mail do autor: henrique.ulio@hotmail.com

Palavras Chave: mulher; cultura; rural

Resumo expandido

O nosso trabalho busca apresentar um panorama sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, com enfoque especial na mulher do vale do Jequitinhonha, a busca pela garantia de seus direitos e a construção de um cenário estável, com direitos iguais e reconhecimento desse espaço, tais direitos vem sendo adquirido a duras penas, no entanto não iremos nos ocupar em falar da igualdade de gênero de maneira geral, nosso trabalho é com um grupo ainda mais esquecido aqui, vamos analisar um grupo que para o desenvolvimento de seu espaço tem sido mais difícil, em todos os discursos tem sido praticamente invisível, trata-se da mulher rural.

A Mulher no campo é pensada a partir de seu papel como ator político, ou seja, a partir de seu compromisso com uma determinada visão de participação no processo de transformação social que envolve lutas e reivindicações diversas. Nesse sentido pareceu-nos impossível

desvincular o estudo da representação social da mulher como sujeito, das propostas de transformação social da qual é objeto. (CARNEIRO, TEIXEIRA; 1995 p.45-57)

Ainda hoje, a mulher tem dificuldade de acesso à educação, a saúde as vagas nos postos de trabalho entre outros elementos que permeiam o ambiente feminino e que tornam as mudanças sociais no âmbito feminino. No que tange as relações entre as moradoras do vale, sabemos que é a existência de diálogos quase nulos, os que se davam, era em formato de “alertas” ou “proibições” (CAMBRUZZI, RUBIM 2012 p.4) esses diálogos não acontecia de maneira comum, não era necessariamente uma conversa de pais e filhos, era realizado durante o decorrer do momento, serviam para intimidar a mulher com relação a si mesma, não era algo cujo necessidade era de informar precisamente, mais sim de usar de uma tentativa de controle, a colocando em um devido enquadramento, esses alertas eram simplesmente orientados a ser mulher, entrar em seu padrão se ser mulher.

As relações patriarcais e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante toda a sua vida, são assuntos que nos auxiliam na compreensão do mundo em que vivemos atualmente, o desrespeito as mulheres, a não consideração da sua contribuição para a sociedade, a depreciação que as mesmas sofrem, são reflexos da sociedade com raízes patriarcais em que vivemos, e mesmo que hoje já podemos avistar uma mudança significativa no horizonte, o que é inegável, podemos concluir que ainda estamos muito longe de termos igualdade, ou algo que se assemelhe a isto, o principal ponto de enfoque direcionado a mulher Rural, tem sido a invisibilidade da condição da mulher, no entanto pretendemos analisar abertamente a sexualidade suprimida, o corpo e a saúde da mulher rural, bem como essa lentidão no processo de reconhecimento de um espaço não único e não exclusivo doméstico.

Através da pesquisa realizada por nós, através de estudos feitos por autores que já se aprofundaram no assunto, pudemos fazer um panorama sobre o desenvolvimento dos direitos das mulheres, sobretudo nos Vales do Jequitinhonha, onde ainda hoje, encontramos dificuldades para fazer um estudo sobre a mulheres do vale, devido em parte por falta de material, e também devido a velocidade que as mudanças caminham em direção ao vale.

O resultado do nosso trabalho foi a constatação de uma manutenção do papel do homem e da mulher durante a história. Pudemos compreender que, muitas mulheres sofreram repressões reais dentro da sociedade da época em que estamos traçando (anos finais do século XX), sobre tudo pela sua sexualidade. Mesmo que a nossa análise tenha sido geral, a busca por individualidade permanece, a cultura é uma dessas vertentes em que pode servir como ponto de partida para muito trabalho, em relação as tarefas domesticas, a saúde, a sexualidade, enfim, trabalhar essa categoria é ter muito instrumento de pesquisa, ainda que esses elementos conforme já tenho falado não partirá de uma referência bibliográfica de tão fácil acesso, nem tão pouco de materiais com elementos tão bons, esses materiais ainda podem ser encontrados ricamente em condição de memória, basta apenas saber dá início a tais investigativas. A mulher do rural, tem muita história, tem muito a contribuir com a pesquisa científica.

Referências Bibliográficas

- CAMBRUZZI; Claudia. RUBIM; Linda: A sexualidade da mulher rural: Rupturas e s continuidades, in VI congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH, Salvador BA, ago.2012.
- CARNEIRO; Maria José, TEIXEIRA; Vanessa Lopes: Mulher rural nos discursos dos mediadores, in: Estudos Sociedade e Agricultura, nov. 1995.
- KREFTA; Noemi Margarida: A mulher camponesa e suas lutas pelo direito à saúde, in: Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(2), 295-296, jun. 2014, ISSN 1982-8829.



Militância e Feminismo em *Parque Industrial* de Patrícia Galvão

Taislane Vieira*

Mestranda em Estudos Literários- Unimontes

*E-mail da autora: tais19lane@hotmail.com

1. Introdução

Essa pesquisa se propõe a analisar a trajetória de Patrícia Galvão¹ e sua importância para a história e para os estudos literários, uma vez que essa escritora, feminista e militante, dedicou a sua vida a questionar o modelo patriarcal, a denunciar e lutar contra a opressão de classe e gênero, além de incentivar a revolução proletária. Para tanto, nos focaremos no contexto histórico da sua atuação e na obra *Parque Industrial*, de sua autoria. Considerado o primeiro “romance proletário”, tal obra tinha o compromisso de inovar na criação estética, ao propor uma linguagem do cotidiano voltada para a oralidade, e criar uma literatura engajada, a serviço da luta de classe, que visava denunciar e criticar a opressão de gênero, retratar a hipocrisia da sociedade burguesa, denunciar o preconceito da sociedade, a segregação da mulher, os salários inferiores das mulheres em relação aos homens, o assédio sexual, a escravização do trabalhador, a violência machista, a exploração da classe proletária paulista, sobretudo das mulheres, que trabalhavam em condições desumanas nas fábricas do Brás em São Paulo e estavam expostas ao assédio e abuso sexual. Essa obra representa de certo modo, a luta dessa escritora e sua representatividade na história e na literatura. Nesse contexto, consideramos que história e ficção se mesclam e nos auxilia a refletir sobre a opressão de gênero, a exploração de classe, a emancipação feminina entre outras reflexões que a obra nos permite.¹

2. Metodologia

A metodologia desse estudo se dará pela pesquisa de textos bibliográficos, literários, teóricos e críticos que tratam questões referentes, ao contexto histórico da década de 1930 no Brasil, a vida de Patrícia Galvão, o feminismo e a política no Brasil e a obra literária *Parque Industrial*.

3. Fundamentação Teórica e Discussões

Essa escritora, mais conhecida como Pagu, sempre teve uma personalidade transgressora, ao assumir um comportamento não aceitável para a mulher da época, vestia roupas curtas, usava maquiagem forte, iniciou a vida sexual quando ainda era muito jovem entre outras atitudes condenáveis pela sociedade. No campo da literatura e militância assumiu uma atitude combativa, aderiu ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), “fundado em 1922, na esteira da euforia mundial socialista provocada pela Revolução Bolchevique, vitoriosa na Rússia em 1917, perdurou até 1992, quando extinto por seus próprios militantes.” (MARCO SANTANA, 2001, p. 1) Durante sua atuação nesse partido, desenvolveu várias manifestações, nas quais incentivava os trabalhadores a incorporar-se a esse movimento partidário e fazer uma revolução proletária. Diante disso, foi presa, diversas vezes, e submetida a vários tipos de medidas repressivas, foi considerada a primeira mulher a ser presa durante a ditadura de Getúlio Vargas. Devemos salientar, que essa escritora, além de ter sofrido várias represálias por parte do governo ditatorial, também teve que submeter-se a condições humilhantes para que fosse aceita pelo

¹ Todas as informações referentes à vida e obra de Patrícia Galvão foram retiradas da obra: ALÓS, Anselmo Peres. *Parque Industrial: Influxos Feministas no Romance Proletário de Patrícia Galvão*. Caligrama, Belo Horizonte, v.15, n. 1, p. 185-204, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/158/114>>. Acesso em: 12 jul.2017.

comunismo, foi obrigada a separar-se de Oswald e de seu filho Rudá, a trabalhar como “operária em uma metalúrgica, como costureira, doméstica e lanterna de cinema”, e a se prostituir em alguns momentos. (HOLANDA, 2014, p. 15) Além da sua participação nesse movimento, Patrícia utilizou a arte e a literatura como formas estéticas de luta a favor das suas ideologias. No espaço literário ela desenvolveu o romance *Parque Industrial* (1933), publicado com o pseudônimo de Mara Lobo, que denunciava à opressão de gênero e classe e incentiva as mulheres a lutar contra o modelo patriarcal e capitalista. É importante ressaltar, que a despeito dessa mulher ter desempenhado um importante papel enquanto escritora, feminista e militante, ela permanece “quase que inteiramente desconsideradas pela história e pela crítica de nossa literatura” (THELMA GUEDES, 2003, p.37). Portanto, tal estudo pretende refletir sobre sua importância enquanto mulher militante e escritora feminista para a história e a literatura, além de tentar contribuir para o dessilenciamento da sua atuação na esfera política e literária. Estudar a atuação e obra dessa escritora é importante, no atual momento histórico, por refletir situações que foram superadas no passado, e estão surgindo novamente no presente. Vivenciamos um retrocesso histórico, no qual presenciamos a retirada de direitos, a falta de democracia, discursos machistas entre outros. Portanto estudar a trajetória de luta dessa escritora é importante para provocar a reflexão sobre o passado no presente, bem como do presente a partir do passado e para que resistamos às medidas autoritárias que persistem em ressurgir. Para Thelma Guedes (2003, p.96) “a esfera da arte não tem o poder de ação direta sobre a realidade, no entanto, tem um outro lugar mais difícil, pois seu papel estético, como uma resistência, é seu papel social”. Desse modo, podemos compreender que o estudo dessa autora e do romance *Parque Industrial*, nos ampara no exercício teórico de refletir sobre o passado e atuar no presente de forma a resistir às medidas autoritárias que tenciona ressurgir.

4. Considerações Finais

A escolha de estudar a obra *Parque Industrial*, deve-se ao fato dela servir como um importante instrumento de luta contra a opressão de gênero, já que ela questiona e denuncia à segregação e a opressão da mulher operária na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que evidencia a resistência e a luta pela emancipação feminina incentivando a mulher a aderir à militância política e lutar contra o sistema patriarcal e capitalista.

No caso desta pesquisa, a partir de um presente histórico brasileiro, marcado por fortes incertezas sobre a continuidade do processo de amadurecimento de sua democracia, e o retrocesso ao qual estamos vivenciando como a retirada de direitos que afeta a população em geral e, sobretudo a mulher, é imprescindível trabalhar com obra que tematize tais questões de modo a provocar a reflexão sobre o passado no presente, bem como do presente a partir do passado.

5. Referências

- GALVÃO, Patrícia. (Mara Lobo). **Parque Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- GUEDES, Thelma. **Pagu: Literatura e Revolução**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- HOLANDA, Sarah Pinto. *Um Caminho à Liberdade: o legado de Pagu*. 214. Tese (Mestrado em Letras Vernáculas)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014
- SANTANA, Marco Aurélio. **O Partido Comunista Brasileiro: trajetória e Estratégias**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.16 no.47 São Paulo Oct. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300013>. Acesso em: 2 jun. 2017.

A mulher à luz do *Malleus Maleficarum*

Piter Jonathan dos Santos Pereira*

Discente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

*E-mail do autor: piter071pereira@gmail.com

Palavras chave: idade média; *Malleus Maleficarum*; mulher

1. Introdução

Atendo-se a mulher na Idade Média, período que se estendeu do século V ao XV aproximadamente, é notório uma constante tentativa de afirmar sua inferioridade em relação ao homem. Intelectuais do sexo masculino afirmavam que a mulher era mais carnal que o homem, visto ter sido criada por Deus “a partir de uma costela” (SPRENGER e KRAMER, 2015, p.116) e possuía dificuldades em se portar com retidão, já que a costela de onde fora formada era recurva (SPREGER e KRAMER, 2015). Isso favoreceu a mulher ser associada a tudo que é pecaminoso, inclusive algumas chegando a serem tituladas como bruxa – aquelas que alcançam o mais alto nível de abjuração da fé, se entregando de corpo e alma ao diabo por meio de um pacto e prejudicando outras pessoas pelos poderes ganho. Embora este tipo de pensamento não seja oriundo da Idade Média, suas repercussões mais graves foram neste período.

A obra utilizada para analisar a mulher foi o *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), escrito e publicado no último quartel do século XV por James Sprenger e Heinrich Kramer. A língua em que foi escrito originalmente é o latim; ele é dividido em três partes, a primeira tratando das condições necessárias para a bruxaria, a segunda, de como as bruxas provocam os malefícios e a forma de curá-los, e a terceira e última, das medidas judiciais nos tribunais eclesiástico e secular para lavar as sentenças. Dentro destas partes são desenvolvidas questões que destrincham melhor sobre o tema de sua respectiva parte.

2. Metodologia

O *Malleus Maleficarum* recebeu o apelido de “Manual de Caça às Bruxas” devido sua minúcia ao tratar das heresias, especialmente a bruxaria. Nele, encontra-se desde formas de identificação de uma bruxa até a maneira de extrair informações das acusadas de bruxaria, esta última variando desde a persuasão verbal à tortura.

A questão principal analisada no *Malleus* é a VI que trata do motivo pelo qual principalmente as mulheres se entregam às superstições diabólicas. Nesta questão, por meio da “experiência” os autores afirmam que, dentre outros motivos, as mulheres são “[...] mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria.” (SPRENGER e KRAMER, 2015, p. 116)

3. Fundamentação teórica

Para pensar sobre a mulher no *Malleus Maleficarum* foi necessário o auxílio de autores que trouxessem a mulher para o centro das discussões: R. Howard Bloch, Jules Michelet, Hilário Franco Júnior, dentre outros. Eles foram considerados importantes para esta pesquisa ao discutirem, nas obras analisadas, o possível início e permanência da tradição misógina, bem como suas consequências para as mulheres em épocas diferentes. Isso possibilitou uma visão mais ampla do motivo pelo qual os autores do *Malleus* formularam esta obra danosa às

mulheres medievais, não sendo eles quem formulou este pensamento, contudo o reproduziram.

4. Resultados

Chegando ao final da questão VI é visível o extensivo trabalho realizado por Sprenger e Kramer, que saíram pelos territórios do Sacro Império Romano Germânico (atual Alemanha) e algumas localidades ao decorrer do rio Reno buscando confirmação para suas suposições – embora seu conteúdo seja contestável.

A questão VI traz uma pequena síntese de toda obra, reiterando o cuidado que se deve ter com as mulheres, pois “[...] a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria.” (SPRENGER e KRAMER, 2015, p. 117) Afirmações como esta são frequentes e dizem respeito à tradição que estes autores pertencem, ou seja, qual linha de pensamento eles seguiram.

Mesmo lembrando que homens também praticam atos de bruxaria e outros similares aos das mulheres, é sempre ressaltado que é “[...] maior o contingente de mulheres que se entregam a essa prática.” (SPRENGER e KRAMER, 2015, p. 121) Não é de se admirar a segurança dos juízes seculares medievais em julgar tais mulheres, diante de argumentos supostamente bem embasados por homens como Sprenger e Kramer.

5. Considerações finais

A mulher foi alvo da misoginia de várias formas desde os primeiros séculos do cristianismo e o *Malleus* vem exemplificar uma dessas formas.

6. Referências

- BLOCH, R. Howard. Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- SPRENGER, James; KRAMER, Heinrich. O martelo das feiticeiras. 26. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2015.

Joana D’Arc no Cinema

Mariana Santos Miranda (1*), Flávia Aparecida Amaral (2)

1 *Discente do curso Bacharelado em Humanidades - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina - MG*

2 *Doutora em História e professora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – UFVJM, Diamantina - MG*

*E-mail da autora: mariana.miranda.msm@live.com

Palavras-chave: Joana D’Arc; cinema; fonte histórica

1. Introdução

O cinema em seus primórdios não era considerado pelos historiadores como fonte, junto a Escola dos Annales e graças ao seu rompimento com o positivismo, as fontes históricas deixaram de ser apenas os documentos históricos. O cinema passou a ser considerado um importante material de análise por ser uma das artes que mais influencia a vida das pessoas.

A primeiro instante, teóricos do cinema e cineastas acreditavam que o cinema era a reprodução fiel e imediata da realidade e da verdade, o historiador passa a entender o filme como documento histórico o que implica que “o cinema, passa a ser tido como uma construção do real, que o altera por intermédio de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento, num dado contexto histórico.” (NAVARRETE, Pág. 23).

Os filmes estão associados ao tempo que foi produzido, logo, a importância de se analisar a imagem da Joana D’Arc como um personagem histórico e a influência que têm para a sociedade nos dias de hoje.

2. Metodologia

Como metodologia foi utilizado junto a um conjunto de referências teóricas o recorte de quatro filmes a respeito do personagem Joana D’Arc, *A paixão de Joana D’ Arc – 1927*; *Santa Joana D’ Arc – 1948*; *O Processo de Joana D’Arc – 1962*; *Joana D’Arc – 1999*, sendo que, todos são de fácil acesso pois estão disponíveis para serem acessos online.

Para a apresentação, foi feito o recorte de tais filmes, sendo selecionados: *Santa Joana D’ Arc- 1948* e *o Processo de Joana D’Arc- 1962*.

3. Fundamentação teórica e discussões

É inegável a importância que a imagem tenha ganhado espaço desde os primórdios de sua criação, embora o cinema tenha sido um objeto que a muito tempo foi marginalizado pelo historiador, é um dos meios de comunicação mais acessível por diferentes camadas sociais, sendo então um elemento de análise da sociedade contemporânea.

O cinema medieval logo chamou atenção para cineastas, vendo a possibilidade de se trabalhar com estereótipos que caem no gosto popular, no entanto, o olhar do historiador para o cinema vai além do entretenimento, interpretar um filme é para além das produções, roteiro, atores e a intenção do diretor. É entender que “Em primeiro lugar, por meio de uma variedade de informações, como gestos, objetos, comportamentos sociais etc., que são transmitidas sem que o diretor queira.” (MORETTIN, p. 16)

Os filmes selecionados tratam de temáticas em comum: Joana D’Arc, O Processo de Joana D’Arc – 1962 foi um filme dirigido por Robert Bresson é considerado um dos clássicos desse diretor. Como o próprio nome indica, a filmagem teve como foco o processo de condenação de Joana d’Arc tratando especificamente da prisão, julgamento e execução da Donzela de Orléans. Já Santa Joana D’ Arc – 1948 Joana é apresentada como uma mulher muito simples, tendo os estereótipos de uma personagem bondosa e despertando sentimento de empatia em quem assiste ao filme. O contato de Joana com o divino também é retratado de uma forma mística. De toda forma, o filme mostra como Joana foi vista pela sociedade, taxada por familiares como louca, pelos ingleses como feiticeira, e tendo a imagem como Santa reforçada durante todo o filme.

4. Resultados

As comparações de filmes retratam diferentes imagens que Joana D’Arc carrega, apesar de uma diferença temporal curta são imagens que buscam retratar diferentes momentos da vida da jovem, um (*O processo de Joana D’Arc*) como o próprio nome diz, o processo da Joana, já o segundo (*Joana D’Arc*) trata toda a história da jovem de maneira que a mesma cative o público.

Ambos filmes tem a intencionalidade de fazer com que o público tenha pena da Joana, utilizando imagens de uma mulher que apesar de forte, foi vítima de um processo injusto. Importante analisar o contexto histórico e Joana como um símbolo usado muitas vezes como símbolo nacionalista.



5. Considerações finais

A importância de entender as diferentes histórias sobre a Joana D'Arc e quais os interesses em retratar exaltando determinadas características. “Se compararmos à quantidade de obras dedicadas à Joana que estudam o seu contexto, poucas são as análises que referem a constituição dessa personagem como símbolo da história nacional francesa.” (AMARAL, p. 13). O cinema sendo um dos principais meios de comunicação utilizados na atualidade, tem como função para além do entretenimento e o historiador volta seu olhar de forma crítica social ao utilizar o cinema como fonte histórica.

6. Referências

- AMARAL, Flávia A. História e ressignificação: Joana d'Arc e a historiografia francesa da primeira metade do século XIX. TESE, 2012, USP. 220 p.
- BEAUNE, Colette. Joana d'Arc. Trad. Marcos Flamínio Peres. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. O desafio biográfico – escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GEARY, Patrick. O mito das nações. A invenção do Nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora, 2005.
- KORNIS, Monica Almeida. “História e Cinema: um debate metodológico”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10,1992, p.237-250.
- VALIM, Alexandre Busko. “História e Cinema”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion et all. Novos Domínios da História: São Paulo: Campus, 2012.
- BARRADAS, Adriana. “Cinema Como Fonte Histórica: Possibilidades de Uma Nova História”. Revista Livre de Cinema v.1, n. 3, p. 20-33 set/dez, 2014. Disponível em: < www.relici.org.br/index.php/relici/article/download/15/31>. Acessado 14/08/2017
- DOSSE, François. A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo : Editora da Unesp, 2001.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. “O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro” História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/2713/2250>>. Acessado 14/08/2017

Sessão de comunicação II – 22/11 (quarta-feira)

Estado Novo: instituições políticas

Paulo Moisés de Melo Júnior*

Discente do curso de História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

*E-mail do autor: pfimello1@hotmail.com

Palavras-chave: Vargas; interventores; estado novo

1. Introdução

Vai ser falado sobre os eventos anteriores à instauração do Estado Novo, regime político que vigorou entre 1937 a 1945. Acontecimentos como da Revolução Tenentista, em que os militares marcharam pelo interior do país para denunciar o mandonismo com a presença de oligarquias. Também será abordada a situação da eleição de 1930, com a formação da Aliança



Liberal, que tinha Getúlio Vargas como candidato à presidência da república. Enquanto Júlio Prestes era o candidato situacionista e sua indicação por parte de São Paulo, algo que não agradou a Minas Gerais, já que seria a vez de um mineiro assumir a presidência.

A partir do rompimento que houve entre mineiros e paulistas, Minas apoia o candidato da oposição que era no momento Getúlio Vargas e encabeça também a chapa oposicionista o então governador da Paraíba que era João Pessoa ocupando o cargo de vice. A candidatura de Vargas representava naquele momento, um amplo desejo de certos setores da sociedade brasileira em acabar com o mandonismo em algumas regiões do país, principalmente no Nordeste.

Na chegada de Vargas ao poder, ele coloca interventores para desestabilizar as elites locais, algo que não agradou a eles. Principalmente o estado de São Paulo, os paulistas pegam em armas em 1932 contra as forças do governo federal, pois eles alegaram que Vargas enquanto estava no poder prometeu que o processo democrático seria retomado, algo que não ocorreu de fato. Consequentemente, isto resulta na Revolução Constitucionalista de 1932, sendo que os paulistas claramente perdem, pois não eram fortes suficientemente para derrotar Vargas.

Além disso, pode-se destacar a figura de Luís Carlos Prestes que foi um líder importante no movimento tenentista, que realizou expedições durante a década de 1920 para combater e denunciar as injustiças sociais que existiam no interior do país. Ele vai ser muito conhecido como o “Cavaleiro da Esperança” e tornou-se um dos opositores esquerdistas mais combatentes ao governo Vargas.

Vargas utilizou da expansão do comunismo pelo mundo e através do fictício Plano Cohen, decreta o Estado de Sítio no país até 1937, em que ele destitui o Congresso Federal, fazendo com que as forças militares estivessem ao redor dela. A partir disso, Vargas pôs em ascensão sua ditadura pessoal. O Estado Novo que vigorou até 1945.

2. Metodologia

Pesquisa bibliográfica.

3. Fundamentação teórica

Através das leituras de autores como Fausto(1995), Skidmore(1992), Delgado e Ferreira (2003) para entender como foi a organização política entre os anos de 1930 até 1945.

Ferreira (1997) já demonstra a situação dos trabalhadores durante o período em que Vargas governava. Além disto, mostra como as classes populares eram influenciadas pelos discursos de Vargas e as medidas que ele tomava.

Codato (2013), já demonstra como era o sistema de repressão aos meios de comunicação e aos partidos políticos de oposição. Gomes, Velloso e Oliveira(1982) analisam como foi contexto do Estado Novo(1937-1945). Além disso, visitas no site do FGV-CPDOC, para compreender melhor o aparelho burocrático do governo.

4. Resultados

Através das leituras pode-se perceber como Vargas foi autoritário. Houve a criação das leis trabalhistas, que foi um processo importante na constituição dos direitos trabalhista. Além disto, mostra que o período de 1930-1945, mostra que Vargas precisa fazer alianças com os grupos locais para permanecer no poder.

5. Considerações Finais

O Brasil passou por uma transformação social, a solidificação do trabalhismo impulsionou a imagem de Vargas diante das classes populares. Houve uma modernização no aparelhamento



estatal, em que ele cria ministérios e órgãos que visavam uma agilidade e solução para os dilemas da sociedade brasileira. Desta forma, o contexto brasileiro passou por modificações nos aspectos econômicos e sociais.

No período do Estado Novo, a centralidade e o personalismo de Vargas foram aspectos que se percebem neste contexto, pois ele tomou medidas que foram ditatoriais, ou seja, fechamento do Congresso Federal, punição a veículos de imprensa que falassem mal de seu governo.

6. Referências

CODATO, Adriano. *Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados*. História (São Paulo) v.32, n.2, p. 189-208, jul./dez. 2013

CONCEIÇÃO FILHO, José Borges da. *O Levante Comunista de 1935 e as representações sobre Luiz Gonzaga de Souza*. 2010. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/mono_jborges_levantes_1935.pdf> . Acesso em: 2 nov. 2015

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org); FERREIRA, Jorge (org) *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*.v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. 651 p.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV-CPDOC, 1997. 132p.

FILHO, José Borges da Conceição. *O Levante Comunista de 1935 e as representações sobre Luiz Gonzaga de Souza*. 2010. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/mono_jborges_levantes_1935.pdf> . Acesso em: 2 nov. 2015.

FGV-CPDOC. Anos de Incerteza (1930 - 1937) > Plano Cohen.In **A era Vargas**. Disponível em:<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>> . Acesso em: 3 nov. 2015

FGV-CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945). *A era Vargas*. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EstadoEconomia>> . Acesso em: 12 nov. 2015.

FGV-CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945). *A era Vargas*. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/Constituicao1937>> . Acesso em: 1 dez. 2015.

FGV-CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945). **A era Vargas**. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>> . Acesso em: 2 dez. 2015.

FGV-CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945). *A era Vargas*. Disponível em : <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/Imprensa>> . Acesso em: 2 dez. 2015.

Movimento Integralista e linearista brasileiro - MIL-B. A palavra do chefe. Disponível em: <http://www.integralismolinear.org.br/site/palavra_chefe.asp>. Acesso em 2 ago. 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia poder*. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982. 166 p. (Política e Sociedade). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6847>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

PORTO, Walter Costa. 1937. 3.ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.



SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 512 p.

**A questão feminina no discurso de um deputado comunista:
“Temas abordados pelo deputado Carlos Marighella
em sua sabatina com as mulheres baianas” (maio de 1946)**

Danyele Nayara Santos Dias*

Discente do programa de pós-graduação em História/PPGH da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

*E-mail da autora: danyelle.nayara@hotmail.com

Palavras-chave: Carlos Marighella; questão feminina; cultura política comunista

1. Introdução

Em 1945, dada a legalidade política, Carlos Marighella é eleito deputado federal na Bahia pela legenda do PCB- Partido Comunista do Brasil- (como era chamado naquela época). Logo, ele passa a atuar efetivamente nos trabalhos constituintes no ano de 1946. Ao longo de sua vida parlamentar, residindo no Rio de Janeiro, ele sempre retornava à Bahia e procurava se encontrar e dialogar com setores da sociedade baiana, o que também era noticiado na imprensa comunista.

Foi assim em ocasião de uma sabatina que segundo o Jornal “Tribuna Popular”, ocorreu em Salvador no ano de 1946, no dia 13 de maio. A notícia veiculada no dia 17 tinha como título: “Só poderá a mulher libertar-se procurando organizar-se e conseguindo participar da produção”, e, como subtítulo: “Temas abordados pelo deputado Carlos Marighella em sua sabatina com as mulheres baianas”. Já na manchete, o que nos chamou atenção foi o fato de que, na trajetória desse comunista, a questão feminina tinha certo destaque. De fato, no partido, cuja participação era majoritariamente masculina, existia uma preocupação em enquadrar as mulheres dentro de um comportamento e atitudes ideais. Nessa abordagem, faz-se necessário destacar que não é intenção desse estudo discutir relações de gênero ou feminismo, apesar de se considerar a importância desses estudos, mas de analisar como esse sujeito político pensava a questão da mulher, e em que medida corroborava para a defesa de modelos exemplares femininos dentro da cultura política comunista.

2. Metodologia

Este trabalho utiliza como fonte principal o Jornal Tribuna Popular especificamente na edição do dia 17 de maio de 1946. Para a análise, o percurso metodológico a ser seguindo no tratamento com a imprensa é baseado no que propõem Cruz e Peixoto (2007), onde esquematisam um repertório de procedimentos da seguinte forma: Identificação do periódico (título, subtítulo, manchetes, primeiros enunciados que anunciam a natureza de sua intervenção, pretensão editorial, público alvo, dentre outros aspectos, indagando sobre os significados que anunciam); o projeto gráfico (capas e primeiras páginas, edições comemorativas, seções diversas, iconografia, ângulos de abordagem de conteúdos, intervenções na agenda pública, questões, sujeitos, temas que priorizam campanhas gerais e posições políticas explícitas) (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 261-49 265).

3. Fundamentação teórica e discussões

Segundo Serge Berstein, as culturas políticas surgem nos momentos de crise como resposta da sociedade para os grandes problemas, e se inscrevem nas gerações. (BERSTEIN, 1998. p. 355). Para ele: “A cultura política constitui um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama” (BERSTEIN, 1998, p. 350).

Dessa forma, toma-se como principal arcabouço teórico o conceito de cultura política, pois entendemos que as ações, os discursos, o vocabulário, dentre outros aspectos presentes tanto na atuação de Marighella, como do próprio jornal, constituem um repertório político, um conjunto de códigos e valores formalizados dentro da tradição política dos comunistas, que contribuem para determinar a representação que eles faziam de si mesmos, com uma mesma visão de mundo, uma leitura comum do passado e projetos idênticos para o futuro, ou seja, corroboram para a existência de uma cultura política: a comunista (MOTTA, 2009, p.21).

No tocante à mulher, a cultura política comunista modelava imagens que aludiam à virtude das mais elevadas, pois, ao traçarem o perfil das mulheres engajadas no movimento revolucionário, sejam no papel de mães, companheiras ou apenas militantes, os comunistas faziam surgir, via de regra, virtuais “hagiografias” (FERREIRA, 2002. p. 129). Assim, existiam os grandes modelos femininos: exemplo de boa esposa: Olga Benário, de boa mãe: Leocádia Prestes, e outras importantes figuras femininas que passaram pela história brasileira: Anita Garibaldi e Maria Quitéria (FERREIRA, 2002. p. 129). Ou seja, para os comunistas, as mulheres deveriam ser revolucionárias na luta pela vitória do proletariado contra as ameaças nacionais e internacionais, todavia, conservadora dos costumes tradicionais que revestiam o papel relegado à mulher naquela sociedade: mãe exemplar e esposa dedicada (TAVARES, 2009, p. 106).

4. Resultados

Através da análise do discurso daquele deputado em relação ao papel feminino apresentado no jornal analisado, pode-se ter uma ideia de que o projeto comunista, em certa medida, ao mesmo tempo em que contribuía para a conservação de costumes tradicionais relegados ao feminino, exaltando aspectos como a maternidade e a “moralidade exemplar” (FERREIRA, 2002. p. 130), incentivavam a participação da mulher na política, o que era novidade para a época. Esse incentivo à participação feminina no campo político fica nítido na sabatina realizada por Marighella em Salvador naquele 13 de maio:

Com a presença de grande número de mulheres, operárias, donas de casas, de elementos femininos progressistas de várias classes sociais e de representantes da Liga Feminina Democrática, além de pessoas outras, teve lugar na sede da Associação dos Empregados do Comércio, a sabatina com as mulheres baianas. Antes da sabatina, o deputado Marighella pronunciou rápida conferência, onde teve oportunidade de abordar vários assuntos (...) a situação de miséria e exploração em que vivem as mulheres brasileiras, em geral (TRIBUNA POPULAR, 17/05/1946, p. 4).

Mais à frente, é dito no jornal que Marighella faz um apanhado sobre as várias fases da vida social da mulher no mundo, desde os tempos primitivos. Depois disso ele passa a explicar que na sociedade capitalista, a mulher é colocada num plano de verdadeira inferioridade e estava sujeita “a verdadeira escravidão da vida, decorrente, sobretudo, de sua dependência econômica” (TRIBUNA POPULAR, 17/05/1946, p. 4). “Só poderá libertar-se” - prossegue Marighella- “se as mulheres se organizassem”, pois, “consequindo participar da produção, porque então obterá uma situação de independência econômica, de onde decorrerão todas as outras situações de liberdade e vida digna e moderna” (TRIBUNA POPULAR, 17/05/1946, p. 4). Nesse fragmento é curioso observar que no entendimento desse deputado, em decorrência do



capitalismo, existia, supostamente, uma dependência econômica das mulheres provavelmente em relação aos homens, o que atrapalhava na sua emancipação. Logo, apenas através da “participação da produção”, que a mulher conseguiria libertar-se.

5. Considerações Finais

Pelos posicionamentos de Marighella mostrados no jornal, é razoável inferir que ele defendia a não dependência da mulher em relação ao homem. Apesar disso, não concordava com o feminismo, considerando-o um movimento “reacionário de mulheres contra homens” (TRIBUNA POPULAR, 17/05/1946, p. 4). Isso remete à questão de que, dentro da cultura comunista e dentro da imagem da mulher revolucionária que os comunistas procuravam construir, a hierarquização dos sexos não era excluída, o que corroborava com a reprodução de algumas opressões e discriminações, em relação ao feminino, as quais eles denunciavam. Entretanto, tendo em consideração que Marighella incentivava a participação feminina dentro da vida política, e que isso era uma novidade na época, em certa medida ele foi um deputado que contribuiu para ajudar as mulheres comunistas com que discursava e orientava na busca de uma libertação e opressão social.

6. Referências

Fontes Históricas:

Biblioteca Nacional / Hemeroteca Digital: *Jornal Tribuna Popular* (17 de maio de 1946)

Bibliografia:

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. Para uma História Cultural. Lisboa: Estampa, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Projeto História, São Paulo, nº 35, pp. 253-270. 2007. (Revista eletrônica).

FERREIRA, Jorge. Os prisioneiros do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Jorge Ferreira. Niterói: EduFF: Rio de Janeiro: MAUAD: 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista, alguns apontamentos. In: _____(org.). Comunistas Brasileiros, cultura política e produção cultural- Belo Horizonte: UFMG: 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____(org.): Culturas Políticas na História: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TAVARES, Betzaida Mata Machado. “Mulheres exemplares: uma análise do modelo comunista feminino a partir das trajetórias de Elisa Branco e Leocádia Prestes”. In: MOTTA, Culturas Políticas Culturas Políticas na História: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

O intelectual e a ditadura:

Gilberto Freyre, o lusotropicalismo e o regime de Salazar

Laurindo Mekie Pereira*

Professor do PPGH/Unimontes. Doutor em história pela USP

***E-mail do autor:** mekie1@hotmail.com

Palavras-chave: Gilberto Freyre; lusotropicalismo; Portugal

1. Introdução

O objetivo desse trabalho é propor uma discussão acerca do papel de Gilberto Freyre na produção e circulação de um discurso histórico que tenta justificar a manutenção das colônias portuguesas nos anos 1950 e 1960, conjuntura de crescente pressão internacional pela emancipação dos povos colonizados.

2. Metodologia

O trabalho se serve de aportes metodológicos diversos, filiando-se à chamada história intelectual, mas se articulando também com enfoques da história política. A principal referência é a abordagem relacional proposta por Pierre Bourdieu (2004, 2007). Procuramos compreender as formulações de Freyre à luz das relações de força no interior dos campos intelectual e político brasileiro e português em meados do século XX e avaliar como o seu destacado capital simbólico lhe permite cumprir o papel de agente legitimador do discurso oficial português nos debates diplomáticos.

3. Fundamentação teoria e discussões

O regime salazarista depara-se com o desafio de manter suas colônias na Ásia e África quando, no pós-Segunda Guerra, o processo de descolonização avança e, no interior da ONU, as outras nações exercem grande pressão contra Portugal em virtude da continuidade do seu império colonial. Além das medidas político-administrativas, como mudar o nome de colônias para províncias, o governo português ancorou-se no grande capital intelectual do sociólogo brasileiro para forjar um discurso legitimador da relação colonial. Sob a ótica de Freyre, existiria um “mundo português”, plurinacional, marcado pelas relações harmoniosas entre os povos. Era o lusotropicalismo. A tese freyreana de que Portugal criara, desde os descobrimentos, uma civilização nova, híbrida, miscigenada, regida pela integração cultural e que, em virtude disso, não existiriam colônias, mas sim unidades de uma mesma civilização lusotropical, calou fundo nos campos intelectual e político português nos anos 1950 e 1960 (Freyre, 1954, Castelo, 1999). Concretamente, o pensamento de Freyre serviu para reforçar a quase unanimidade entre as elites políticas portuguesas em se opor à independência das colônias. Na versão de Freyre, as conquistas coloniais portuguesas teriam sido “pacíficas” e a escravidão com “doçura” e “flexibilidade” (Freyre, 1954, p. 34). Nos seus termos: “a marca das terras descobertas e colonizadas por Portugal é esta: ‘não são terras violadas ou conquistadas à força bruta, mas sim docemente assimiladas’ (Idem, p. 177). Não existiriam colônias, mas unidades de uma grande pátria. A própria ideia de nação seria insuficiente. O correto seria dizer “unidade transnacional de cultura” reunindo o Brasil, as províncias e a metrópole portuguesa (Idem, p. 102).

4. Resultados

Se na obra clássica *Casa Grande & Senzala* as relações senhor-escravo aparecem suavizadas, mas a violência e as críticas ao regime social estão presentes, nos escritos dos anos 1950, sob a égide do projeto salazarista de manter as colônias, Freyre radicaliza as teses de antes e apresenta “o mundo que o português criou” excessivamente idealizado. Foi ele e suas ideias peças-chave na resistência oficial lusa nas Nações Unidas. Proponho revistar esse tema, salientando duas flagrantes contradições: a) a disposição do escritor pernambucano em emprestar seu prestígio à ditadura portuguesa contrasta com sua veemente afirmação de que fala e escrevia de forma independente de qualquer injunção política e b) os escritos lusotropicalistas são rasos demais se comparados à profundidade e riqueza da obra dos anos 1930. Se nesta última, ele lança as bases do imenso reconhecimento que teria, nos anos 1950



ele parece se sentir tão grande que acredita poder dizer o que lhe convém, ainda que sem sustentação empírica suficiente.

5. Considerações Finais

Como se trata de um projeto de pesquisa recém-iniciado, os resultados são parciais. O avanço das leituras e pesquisas permitirá o aprofundamento da compreensão do pensamento de Freyre e sobretudo da sua quase surpreendente disposição e interesse em se apresentar de forma tão veemente alinhado ao governo português, conhecido internacionalmente por seu caráter autoritário.

6. Agradecimentos

Esse trabalho integra uma pesquisa maior intitulada "Os intelectuais e a nação: uma análise do pensamento e trajetória de António Sérgio, Gilberto Freyre e Mário Soares", com financiamento da FAPEMIG.

7. Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CASTELO, Claudia. *"O modo português de estar no mundo": o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

Sessão de comunicação III – 23/11 (quinta-feira)

Apontamentos histórico-filosóficos sobre as origens e a decadência ideológica nas Ciências Econômicas

Danne Vieira Silva*

Discente do Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

*E-mail da autora: dannevieira@hotmail.com

Palavras-Chave: decadência-ideológica; ciências econômicas; teoria do valor

1. Introdução

Elencar os condicionantes históricos e filosóficos que convergiram no que atualmente é convencionalmente elencado por ciência econômica, por vezes, pode ser um processo longo e carregado de variáveis metodológicas. A isso se deve pelo fato de que as ciências econômicas ser uma das que incorrem no risco de cair no discurso ideológico como sustenta Bianchi (1988).

Dessa forma, acreditamos que o longo caminho que o pensamento científico trilhou até convergir nos condicionantes específicos que fizeram surgir a Economia Política foi tortuoso, no entanto, cada visão de mundo historicamente determinado buscou responder anseios de cada realidade. Seus pensadores sequer imaginariam que estariam criando as condições objetivas para o nascimento de uma ciência. Mas nesse longo caminho, paradigmas foram quebrados e

prontamente substituídos por outros, a própria mentalidade de que o homem tinha de si mesmo foi aos poucos se alterando com o passar dos tempos.

Concordamos com Rubin (2014) quando diz que as ideias econômicas não nascem no vácuo, elas são irmãs-siamesas das conturbações políticas, dos conflitos da luta de classes, nestas circunstâncias, concordando ainda com Rubin (*Ibid.*) aqueles que pensaram a economia, em larga escala, agiram como escudeiros dessas classes fornecendo armamento ideológico para defesa de interesses de grupos particulares.

Portanto, metodologicamente, à luz da Crítica da Economia Política, e com base em Marx e Engels (2007) consideramos que em cada momento histórico, ocorreu um discurso filosófico que justificou os interesses, anseios e visões de mundo de determinadas classes dominantes.

Também com base em Marx e Engels (1986) estamos convencidos de que em cada momento específico, determinados grupos buscavam romper com as bases que sustentam o discurso ideológico de uma classe dominante fazendo surgir uma nova sociedade, à esses, notadamente torna-se revolucionária daquele momento histórico. E tão logo que conquistam a hegemonia ideológica, o discurso se metamorfoseia se converge no puro conservadorismo com notas de reacionarismo ao grupo que assume os postulados revolucionários.

Nesse sentido, o discurso econômico, indubitavelmente, é uma das mais importantes e influentes formas de propagação ideológica, como aponta Rubin (2014), uma vez que as preocupações assumiam na retórica dessa ciência está umbilicalmente ligada à luta de classes.

Entretantes, nos fica compreensível que a ascensão burguês no vigente modo de produção, sua conversão de revolucionária à classe conservadora, e por vezes reacionária, castrando as potencialidades emancipatórias daqueles que assumirão a vanguarda na transição a outro modelo de sociedade.

Em sua fase revolucionária, a burguesia clássica empreendeu os melhores esforços para compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade sem temor das contradições que pudessem ser esclarecidas, contudo, após o poder político e ideológico estabelecido e consolidado essa mesma classe, diz Lukács (2010), adentra numa pseudo-história construída a bel prazer, interpretando superficialmente ou por vezes deformando-a em sentido subjetivista e místico. É o que ele diz ser a tendência geral da decadência ideológica burguesa.

Para isso, com base em Lukács (2010) pretendemos apontar os condicionantes históricos e filosóficos que gestaram a mentalidade e a consciência burguesa ascendente para em seguida refletir sobre a teoria do valor de sua fase genuinamente revolucionária para concluirmos com o posicionamento assumido pelo discurso econômico burguês em sua fase conservadora.

Como marco inicial, com base em Marx (2013), Engels (1983) e Heller (1988), iremos situar como marco inicial das condições que gestaram a mentalidade do homem capitalista no Renascimento, uma vez que foi nesse período que as nações europeias e a construção das condições burguesas retomaram os princípios da antiguidade grega que “esfumaban los espectros de la Edad Media” (ENGELS, 1961, p. 03) no qual foram o motor de arranque do questionamento da rigidez estamental e da escolástica medieval.

Foi no Renascimento que avançaram as descobertas nas áreas do cálculo matemático, da astronomia, da física, da biologia e da química, além das inovações estéticas, políticas e sociais, não foram as únicas que provocaram inquietações ao indivíduo medieval, sem sombra de dúvidas, as grandes navegações trouxeram impacto por desvelar novos povos e culturas que nem mesmo a própria igreja até então jamais suspeitara, cujos costumes não havia preparado o espírito dos europeus como frisou Bianchi (1988). Dessa maneira, estamos convencidos de que as grandes navegações, além de expandir o conhecimento geográfico a serviço de grupos mercantilistas, contribuiu sistematicamente e decisivamente na nova perspectiva de visão de mundo, muito embora o homem europeu fosse colocado na centralidade como moderno em contraste com outros povos e culturas que foi percebido como bárbaros ou atrasados.



O longo período até a consolidação da sociedade burguesa em finais do século XVIII a ciência econômica encontrou importantes defensores do *status quo*: os mercantilistas no qual postulavam a riqueza como posse de metais preciosos cuja fonte era o comércio, justificaram a exploração das colônias americanas e dos lucrativos negócios com o oriente, justificaram a opulência da nobreza e de Estados absolutistas no *início do fim* da hegemonia do *anciên Regime* como sustentam Rubin (2014) e Bianchi (1988).

Por outro lado, ainda no século XVII, na França ainda ruralizada surgem os fisiocratas e suas postulações de riqueza como originária da agricultura, dessa forma não contrariaram apenas os mercantilistas, mas também aos reis absolutistas, uma vez que defendiam um Estado liberal governado por um monarca esclarecido. Em outras palavras, na luta de classes, estes posicionaram favoravelmente à políticas econômicas favoráveis à agricultura sob os auspícios capitalistas.

Das primeiras formulações fisiocratas, na Inglaterra no século XVIII, Adam Smith com o lançamento de *A Riqueza das Nações*, lança as bases investigativas da sociedade burguesa definida. Em menos de meia década depois, David Ricardo expõe seu *Princípios de Economia Política e Tributação*, no qual, para Marx (2013) correspondem respectivamente o início e o fim da fase clássica da economia política clássica.

Após Smith, com a sociedade capitalista definida e com a hegemonia burguesa, dá-se início a fase reacionária dessa classe, diz Marx (2013, p. 86) “fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo [...]”.

O irracionalismo se manifestou nas ciências econômicas, a teoria do valor que foi alvo de profundos e frutíferos debates passou a ser alvo de constantes ataques por parte dos defensores da teoria do valor subjetivista, como Böhm Bawerk (1949).

Portanto, com o presente artigo, pretendemos mostrar alguns breves apontamentos históricos e filosóficos sobre as origens e declínio ideológico da classe dominante no vigente modo de produção. Para isso, esperamos demonstrar o centro que motivaram em sua fase revolucionária e os principais fundamentos da atual fase irracionalista e contrarrevolucionária.

Mesmo que *em passant*, sob os auspícios do método científico de investigação social, iremos realizar alguns esboços sobre a classe que consideramos a classe que assumirá a vanguarda no processo revolucionário no caminho para uma sociedade plenamente livre e emancipada.

2. Referências

- BÖHM-BAWERK, Eugen Von. *Karl Marx: And the close of his system*. Nova Iorque: Augustus M Kelley, 1949.
- RUBIN, Isaac Ilich. *História do Pensamento Econômico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.
- BIANCHI, Ana Maria. *A pré-História da Economia: De Maquiavel a Adam Smith*. São Paulo, Editora Hucitec, 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, Gyorgy. *Para uma Ontologia do Ser Social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ENGELS, Friedrich. *Dialéctica de la naturaleza*. La Habana: Progreso, 1961.

A Cultura Política Trabalhista em Montes Claros durante o Período Democrático (1945-1964)

Elisdael Oliveira Santos *

Discente do Programa de Pós-graduação em História Social/PPGH da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

*E-mail do autor: elissantoshistoria@hotmail.com

Palavras-chave: cultura política; trabalhismo; trabalhadores; imprensa

1. Introdução

É cristalizado no debate historiográfico nacional as discussões acerca de Populismo e Trabalho. Os autores que adotam o Populismo (Weffort, 1980; Ianni, 1975) como categoria explicativa discorrem que o governo manipulava a massa trabalhadora concedendo a ela benefícios, e em troca obtinha o seu apoio por meio do sufrágio. Já o trabalhismo pensado por Gomes (1995) leva em consideração a dimensão simbólica e material das relações sócio-políticas e compreende que o governo identificou uma demanda da sociedade, e por meio da legislação trabalhista assegurou o direito dos trabalhadores reconhecendo-os como sujeitos políticos.

2. Metodologia

Esta pesquisa utiliza como fontes os Jornais Gazeta do Norte, O Operário, Atas e Correspondências da Câmara Municipal da cidade de Montes Claros/MG do período e 1945/1964. O percurso metodológico a ser seguido para a utilização da imprensa como fonte seguirá a interpretação de Vieira (1984) quando esta discorre que sendo porta voz de interesses muito objetivos de classes ou frações de classes sociais, a imprensa escrita procura formular uma determinada visão de mundo, ao mesmo tempo em que tenta generalizar para o conjunto da nação, interesses específicos da classe que ela representa. Nesse sentido, buscaremos compreender de que forma esses periódicos representavam a classe trabalhadora e a busca por seus direitos em contraposição ao que propunham ou afirmavam os representantes políticos.

3. Fundamentação Teórica, Discussões e Resultados

Com a renovação no debate historiográfico e o repensar do político, a categoria cultura política¹ foi crucial no sentido de alargar as possibilidades de discussões sobre as ações políticas por ser capaz de viabilizar a aproximação com uma certa visão de mundo, orientando as condutas dos atores sociais em um tempo mais longo, redimensionando o acontecimento político. (GOMES, 2005, p. 31) De acordo com Gomes, embora a cultura política seja considerada uma categoria bastante polêmica, sua utilização foi crescendo e vem sendo reconhecida como operacional no campo da História nas últimas décadas. (2005, p. 23)

Assim, no que se refere à adoção do conceito de trabalhismo enquanto cultura política como categoria explicativa para a compreensão das relações estabelecidas entre o Estado e os trabalhadores, este passou a ser utilizado em textos da academia e no vocabulário político comum desde a década de 1980, em detrimento do conceito de populismo, o qual se apresentou insuficiente para explicar as mudanças sócio-políticas ocorridas nas relações entre o Estado e a classe trabalhadora. Destarte, as proposições de Gomes (1995) são relevantes, quando considera que não havia, mera submissão e perda de identidade por parte dos trabalhadores, mas um “acordo”, isto é, uma troca orientada por uma lógica que combinava os ganhos materiais com os ganhos simbólicos da reciprocidade, sendo que era esta segunda dimensão que funcionava como instrumento integrador de todo o pacto.



No caso da cidade de Montes Claros/MG, embora inserida em um processo de industrialização peculiar em relação aos grandes centros urbanos é possível notar sinais de repercussão das ideias trabalhistas seja na organização de entidades trabalhadoras ou até mesmo de organismos coletivos populares como as associações de classe e a União Operária e Patriótica de Montes Claros (CARDOSO, 2008, p. 158).

4. Referências

- BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: RIOUX, Jean Pierre. SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. Estampa: Lisboa, 1998.
- FERREIRA, Jorge (Org.). *O Populismo e sua História - Debate e Crítica*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Trabalhadores do Brasil; o imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalho*. Rio de Janeiro: FGV, 3ª edição, 2005.
- _____. *História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas Reflexões*. In: Rachel Soihet, Maria Fernanda B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa. RJ: Mauad, 2005.
- IANNI, OCTÁVIO. *A Formação do Estado Populista na América Latina*. SP: Ática, 1989.
- CARDOSO JÚNIOR, Edê de Freitas. *Experiência e Poder na Urbe em Expansão: "cultura política popular" em Montes Claros/MG entre 1930-1964*. Dissertação. BH: UFMG, 2008.
- MAIA, Andréa Casa Nova; CARDOSO, Luciene Carris; SANTOS, Vicente Saul Moreira. *Sexta Lição - Operariado e Sindicalismos*. In: *Lições do tempo: temas em história e historiografia do Brasil Republicano*. 10 ed, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins (et al.). Marcos Fábio Martins Oliveira, Luciene Rodrigues (Organizadores). *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.
- PEREIRA, Laurindo Mékie. *Dependência, Favores e Compromissos: relações sociais e políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50*. Uberlândia, 2001. (Tese) _____. *A Cidade do Favor: Montes Claros em meados do século XX*. Montes Claros/MG: Ed. Unimontes, 2002.
- _____. *Elites Montesclarenses: autoritarismo, paternalismo e exclusão*. In: BARBOSA, Carla Cristina. (Org.) *Sertão: cultura e poder*. Montes Claros: Unimontes, 2007.
- PORTO, César Henrique de Queiroz. *Aspectos da Política Coronelista em Montes Claros na República Velha*. In: BARBOSA, Carla Cristina. (Org.) *Sertão: cultura e poder*. Montes Claros: Unimontes, 2007.
- _____. *Paternalismo, Poder privado e Violência: o campo político norte-mineiro durante a Primeira República*. Montes Claros/MG: Unimontes, 2007.
- VIEIRA, M. do Pilar de A e outros. *Imprensa como Fonte para a Pesquisa Histórica*. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC, nº 3, 1984.
- WEFFORT, Francisco Correia. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- Fontes: Jornal Gazeta do Norte; Jornal O Operário;
<http://bndigital.bn.br/acervodigital/operario/829919>.

A reconfiguração do movimento sindical no governo Lula (2003-2010)

Jannyllian Christine da Silva Viana(1*); Alan Faber do Nascimento(2*)

1Discente do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

2Docente do curso de Turismo, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

***E-mail da autora:** jannyllian@hotmail.com

Palavras-chave: movimento sindical; governo Lula; neoliberalismo

1. Introdução

A partir da ascensão de Lula ao poder em 2003, o movimento sindical passou por um processo de reconfiguração provocado por diversos fatores. Entre eles, estava o descontentamento de algumas entidades sindicais em relação à manutenção da política macroeconômica do governo de Fernando Henrique Cardoso. Com efeito, o governo petista articulou uma política de alianças com os setores da burguesia financeira, industrial e do agronegócio, atuando, portanto, na preservação dos interesses do capital, além de promover a realização de uma série de reformas que reduziram os direitos trabalhistas (GALVÃO, 2012)

A distribuição de cargos ministeriais e em comissões entre ex-líderes sindicalistas funcionou como um mecanismo para aumentar a dependência, o controle e a cooptação do sindicalismo combativo. As centrais sindicais tornaram-se ainda mais dependentes dos recursos públicos e atreladas às estruturas do Estado. A CUT, por exemplo, transformou-se em uma central sindical cada vez mais institucionalizada, burocratizada e negociadora, assumindo uma posição subordinada e dependente das ações e benesses estatais. O Estado, por sua vez, conduziu uma política voltada para os interesses da classe dominante, na contramão das necessidades da classe trabalhadora. As reformas sindicais e trabalhistas promovidas pelo governo contribuíram para causar dissidências sindicais e para a criação de novas organizações, como a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), em 2004, e a Intersindical, em 2006.2

Nesse sentido, esta comunicação se propõe analisar a reconfiguração do sindicalismo durante o governo Lula (2003-2010), buscando refletir sobre suas causas e tendências. Para tanto, analisaremos as novas formas de organização e atuação do movimento sindical em face das transformações econômicas e políticas e, ao mesmo, assinalando os fatores de cisão e de aproximação entre as diferentes entidades sindicais.

2. Metodologia

Na primeira fase da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema. A leitura dos livros *O continente do labor* (ANTUNES, 2011) e *Políticas e classes sociais no Brasil dos anos 2000* (GALVÃO; BOITO, 2012) foram importantes para se compreender o cenário político, econômico e social do país durante o governo Lula.

Na segunda fase da pesquisa, realizamos leituras de artigos e dissertações que contribuíram para se compreender o processo de reconfiguração do movimento sindical durante os governos Lula, considerando suas motivações e tendências.

Cabe ressaltar que a pesquisa faz parte das ações do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxistas – GEPEMARX, da UFVJM, cujo objetivo consiste em incentivar e difundir pesquisas e reflexões que utilizem o referencial teórico-metodológico do marxismo e colaborem para o desenvolvimento das análises críticas sobre os múltiplos aspectos do metabolismo social do



capital, visando contribuir com a produção do conhecimento necessário as lutas sociais de superação do modo de produção e reprodução da vida atual.

3. Fundamentação teórica e discussões

Segundo Galvão (2010), o governo Lula (2003-2010) provocou uma reconfiguração do movimento sindical por dois fatores: devido à insatisfação de uma parcela do movimento sindical em relação à política neoliberal adotada pelo governo petista, bem como pelo apoio da CUT e da Força Sindical a essa política; e em decorrência das mudanças na legislação sindical em relação aos critérios de representatividade e à garantia de repasse de 10% da contribuição sindical para as centrais reconhecidas oficialmente. Tais fatores foram responsáveis por desencadear divisão e fusão entre as principais correntes sindicais.

Em apoio ao governo, a CUT afasta-se cada vez mais de ser um instrumento de organização e mobilização da classe trabalhadora para tornar-se um mecanismo de colaboração e conciliação de classes, provocando um processo de cisão, que resultou na perda de alguns sindicatos importantes.

O Movimento por uma Tendência Socialista (MTS), vinculado ao PSTU, participou da criação da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), a qual se propôs a criar novos polos de organização, resistência e confrontação, aliando as esferas socialistas e anticapitalistas de entidades sindicais e de movimentos sociais urbanos e rurais, desta forma, avançando na oposição ao governo, e lutando contra as perdas de direitos e pela ampliação do seu espaço de lutas, por meio da organização de sindicatos e de movimentos sociais extra-sindicais. Criada pela Frente de Esquerda Sindical e Socialista (FES), a Intersindical, que também nasceu dos setores que se desvinculou da CUT, buscava lutar contra as reformas do governo e a organizar e mobilizar a classe trabalhadora e os sindicatos contra a crescente precarização do trabalho.

A criação da UGT, oriunda da fusão da CAT, CGT e SDS, e a da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), constituída, sobretudo pela Corrente Sindical Classista (CSC), ocorreram mais por motivos pragmáticos do que por afinidades política-ideológicas. No caso da UGT, havia o desejo de cumprir os critérios de representatividade para obter o reconhecimento oficial, bem como para ter acesso à fonte de custeio negociada com o governo; já a CSC, apesar das divergências internas com a CUT não tinha interesse em romper com a central, mas pretendia usar os recursos da contribuição sindical para estabelecer uma estrutura alternativa de poder.

4. Resultados

A CUT, FS, CTB, UGT e CGTB compreendem que a negociação e a conciliação de interesses trazem vantagens para a sua base, e que o crescimento econômico e o fortalecimento do mercado interno trazem ganhos para os trabalhadores, bem como possibilita melhores condições de negociação com o patronato e com o governo. Mas para a Conlutas e a Intersindical, a conciliação de classes é impossível dentro do sistema capitalista. Ambas consideram que deve haver uma intensificação da luta de classes para que se possa difundir o programa socialista. Entretanto, trata-se de um posicionamento minoritário, considerando que o crescimento econômico dificulta a organização e mobilização da classe trabalhadora que acredita na possibilidade de negociação.

5. Considerações finais

Com efeito, as reformas sindicais e trabalhistas contribuíram para a divisão organizativa entre as sindicais no governo Lula. A reconfiguração do movimento sindical possui diversos aspectos organizativos e políticos-ideológicos, considerando as diferentes estratégias e posicionamentos das entidades sindicais em relação ao governo petista.

6. Agradecimentos

Ao orientador da pesquisa prof. Dr. Alan Faber do Nascimento e à PROACE.

7. Referências

ANTUNES, Ricardo. *O continente do labor*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, Ricardo. *Sindicalismo de classe versus sindicalismo negociador de Estado*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/40938-sindicalismo-de-classe-versus-sindicalismo-negociador-de-estado-artigo-de-ricardo-antunes>. Acesso: 07 set. 2016.

GALVÃO, Andréia. *A reconfiguração do movimento sindical nos governos Lula*. In: Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000. BOITO JR., Armando; GALVÃO, Andréia. (orgs.) São Paulo: Alameda, 2012, p. 191-226.

Sessão de comunicação IV – 23/11 (quinta-feira)

Os véus nas pinturas e as pinturas nos véus: as sibilas dos panos quaresmais de Diamantina

Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani*

Docente do curso de Turismo, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

***E-mail da autora:**

Palavras-chave: véus quaresmais; História; artes

1. Introdução

Em Diamantina, Minas Gerais, existem as únicas representações de sibilas na América portuguesa. Além da intrigante raridade da representação no universo português em si, chama a atenção a exclusividade da existência da mesma em véus quaresmais ou véus da paixão. Aqui faço uma rápida abordagem dos possíveis significados dos véus como dispositivo semiótico e da sua relação histórica com as pinturas – os véus nas pinturas e as pinturas nos véus – com o intuito único de tocar em alguns pontos fulcrais, provocar o interesse e possibilitar futuros debates.

O véu como um símbolo pertence a diversas culturas, com distintos significados, grande parte das vezes, contraditórios. De uma maneira geral e mais simplificada, ele está ligado ao olhar, na possibilidade ambígua de ver sem ser visto ou de ser visto sem ver. Historicamente, em diferentes culturas, o véu aparece também como manifestação do mecanismo de exposição e de ocultação presente na dinâmica paradoxal que acaba por chamar a atenção para aquilo que aparentemente se queria ocultar. Essa estratégia de velamento e desvelamento está presente em diferentes linguagens artísticas ao longo da história – pintura, escultura, literatura, teatro, fotografia, cinema – por meio de diversos dispositivos, artifícios, máscaras, tecidos e ornamentos relacionados à face e à visão. Desse modo, o véu modula a percepção do objeto observado, bem como a sua relação com o sujeito observante, na medida em que cria desejo, nostalgia e falta, enquanto se interpõe entre o sujeito e o objeto. Quando se está diante de um

véu, ao mesmo tempo em que este impede a visão, também atesta a presença. Essa é a dialética posta entre a proibição (e, por conseguinte a impossibilidade de ver e testemunhar o que teoricamente seria possível) e o olhar, implícito na função mesma do véu. Não se trata de um obstáculo impenetrável, mas uma resistência tensa e gradual. O velar é ainda associado à ambiguidade da visão e da consciência, no que diz respeito à oposição entre transparência e opacidade; ignorância e conhecimento; desejo e frustração. Paradoxo e ambiguidade marcam a história e a estética do véu que permanece ainda como uma figura central até a pintura moderna e contemporânea. O conceito de véu pode carregar outra dialética de significado, talvez mais capciosa do que a anterior, aquela entre o visível e o invisível: a dialética entre o sagrado e o profano, transcendência e carnalidade, decência e obscenidade. O véu abriga também em seu significado mais amplo oposições entre real e virtual, revelação e ocultação, fascínio e horror, desejo e proibição. Esse objeto têxtil peculiar é, por conseguinte, um dispositivo semiótico, porquanto, ao contrário da grande maioria dos artefatos que são tecnicamente análogos – vestuário, tendas, cobertores, tapeçarias, etc. – não serve para proteger o corpo humano ou os objetos. Em vez disso, é usado para confundir ou impedir por completo o ponto de vista daqueles que rodeia. É, em suma, um interruptor óptico, que atua na comunicação visual, tanto ativa (o ato de visão) quanto passiva (o fato de ser visto), de acordo com certas regras e fins sociais e é, portanto, uma ferramenta tipicamente semiótica. É considerado por tudo isso, um dispositivo regulatório da visibilidade.

O véu pode-se tornar também um elemento de identidade cultural. Assim, por exemplo, uma mulher velada, um cadáver numa mortalha ou um espaço separado por uma barreira parcial (os panos de boca teatrais, as iconósteses, as roupas de renda, as cortinas) são distinguidos em sua cultura por aquilo que são e torna-se um componente de reconhecimento de marcas cognitivas identitárias (de gênero, poder, classe, santidade, etc.). Neste sentido tematizam-se aqui os véus quaresmais de Diamantina, que, pertencentes à liturgia católica, são adornados com figuras pagãs.

2. Metodologia

Para este estudo, lancei mão de pesquisa bibliográfica e estudo imaginário, seja sobre o significado dos véus na pintura e das pinturas nos véus, seja sobre o significado litúrgico dos véus quaresmais ou sobre a representação das sibilas nos mesmos.

3. Fundamentação Teórica e discussões

Como fundamentação teórica referente à inteligência da relação dos véus com a pintura, lancei mão dos artigos de distintos autores que compõe a publicação: *Il Sistema del Velo/Système du Voile*. Aracne editrice: Ariccia, 2016, organizada por Leone, Riedmatten & Stoichita. No que concerne à compreensão dos véus como significado religioso desde a cultura judaica até à cristã, utilizei tanto autores especialistas nas duas culturas religiosas, quanto autores laicos que tematizaram a presença dos véus quaresmais em museus, a composição do tecido e a química das pinturas, a origem dos véus adornados, etc. As sibilas como um mito de fôlego inigualável foram abordadas a partir de especialistas que tematizam a sua presença nas diferentes linguagens artísticas e também a sua surpreendente presença no Arraial do Tijuco. Para a concepção das sibilas como figuras femininas pertinentes à realidade histórica e objetal usei obras de antropologia e literatura dedicadas às figuras femininas das bruxas e sibilas na Itália.

4. Resultados e Considerações finais

Não foi possível ainda identificar a origem da tradição de adornar os véus quaresmais nas Minas Gerais, nem tampouco compreender o significado da especificidade da escolha do tema



das sibilas para esses objetos em Diamantina. Entretanto, véus e sibilas comportam a dialética tantas vezes evocada aqui entre velar e desvelar. As sibilas, figuras que fazem o elo entre o profano e o sagrado, o humano e o transcendente, desvelam o futuro de forma velada pela linguagem misteriosa. Um futuro terrível que se quer saber e não se quer ver ao mesmo tempo. Abrem uma janela pictural na transparência fingida das telas opacas. Escondem a beleza provocando a curiosidade e o desejo do olhar, enquanto oferecem a posse deleitosa de outra beleza a ela sobreposta. A dialética entre real e virtual, revelação e ocultação, fascínio e horror, desejo e proibição, transparência e opacidade, ignorância e conhecimento, conservam-se nestes dois elementos da cultura, imanentes ao ser humano, confinantes e imediatos, somente em Diamantina. Paradoxo e ambiguidade permanecem como traços ontológicos tanto dos véus como objetos de significado e dimensão humana, quanto nas sibilas, um mito universal.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Célio Macedo. *O Ciclo Pictural das Sibilas de Diamantina*. Revista Imagem Brasileira nº6. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira da UFMG, 2006.
- CAREY, Michael R. *Veiling the Mysteries*. In *Sacred Architecture Journal*. Vol. 3, nº1. Indiana, 2000. p 23-28
- DIAS, Pedro. *Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerônimos*. *Subsídios para a História da Arte Portuguesa XXXVI*. Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1993, Coimbra.
- FAVRE-COMMUNAL, Monique. *La Passion du musée de Reims*. Étude technique et iconographique de toiles peintes du XVe siècle. *Mélanges de l'Ecole française de Rome Moyen-Age*. Année 1999. Volume 111. Numéro 1 pp. 357-371.
- FERREIRA, Pedro Manuel. *Notas Sibilinas, Afonso X, Braga y María*. In Muntané, Maricarmen Gómez & Santamaría Eduardo Carrero (eds.), *La Sibila: Sonido. Imagen. Liturgia. Escena*, Madrid: Editorial Alpuerto, 2015.
- GALLO, Marzia Cataldi. *La Passione in Blu. I Teli con Storie della Passione del XVI Secolo a Genova*. Scuola Tipografica Sorriso Franceseano: Genova, 2012.
- GUÉRANGER, Prosper. *L'annoliturgica. - I. Avvento - Natale - Quaresima - Passione*, trad. it. P. Graziani, Alba, 1959, p. 627-630. Disponível em <http://www.unavoce-ve.it/pg-quaresima-dom4.htm>
- LEONE, RIEDMATTEN & STOICHITA. *Il Sistema del Velo/Systeme du Voile*. Aracne editrice: Ariccia, 2016.
- LUSSU, Joyce. *Il Libro Perogno Su Donne, Streghe e Sibille*. Società editricie Il Lavoro Editoriale: Ancona, 1982.
- MACHADO, Laérsio. *ArsCelebrandi. O Véu Quaresmal das Imagens e Cruzes*. Disponível em <http://artedecelebrar.blogspot.com.br/2011/03/o-veu-quaresmal-das-imagens-e-cruzes.html>
- MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. *Sibilas: da Babilônia ao Brasil*. Revista Portuguesa de Humanidades. Vol. 20,2. *Mulheres Proféticas na Literatura, História e Cultura*. Braga: Axioma Publicações da Faculdade de Filosofia, 2016
- MARCHI Raffaello. *La Sibilla Barbaricina. Note etinografiche*. Istituto Superiore Regionale Etnografico della Sardegna (ISRE), Nuoro Edizione: Sardegna, 2006.
- MOREIRA, Rafael de Faria. *Três Baixos-relevos Maneiristas de Azeitão*, in *Belas-Artes*, 2.ª série, n.º 31, 1979.
- PEREIRA, Paulo – *A Obra Silvestre e a Esfera do Rei. Iconologia da arquitectura manuelina na grande Estremadura*. Coimbra, Instituto da Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras, 1990.
- REUS, João Batista, SJ. *Curso de Liturgia*. 2.ed.rev.aum. Petrópolis: Vozes,

Os sentimentos marcados no barro: análise estilística dos cachimbos afro-brasileiros em Diamantina, MG.

Ana Rosa Lima*

Discente do curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

*E-mail da autora: anarosa_menina@hotmail.com

Palavras chave: arqueologia; escravidão; cachimbos

1. Introdução

O estado de Minas Gerais foi um dos principais destinos de negros africanos para o trabalho escravo entre os séculos XII e XIX. O tráfico negreiro, lucrativo comércio para a Coroa Portuguesa, teve grande influência nas vicissitudes da sociedade mineira em questão. “A tabela de população referente ao ano de 1776 acusa a existência de 70.769 brancos, 82 mil pardos, 167 mil pretos, somando 319.769 indivíduos. Convertidos em porcentagens, estes números significam 22,09% de brancos, 25,67% de pardos e 52,22% de negros, ou seja, uma população onde os mestiços e os negros somavam 77,%”. (MELLO E SOUZA, L., 2004: 208)

Embora a história desses africanos nos pareça tão fragmentada, é de suma importância compreender como se deu esse processo de escravidão e, principalmente, as várias formas de resistência que não necessariamente estavam atreladas à fuga, violência ou suicídio. Os cachimbos, produzidos e utilizados pelos respectivos escravos, são marcadores sociais imbuídos de significados próprios. O objetivo é tentar identificar como esses significados se relacionam com as dinâmicas socioculturais escravistas, buscando nos símbolos, marcas que os identifiquem enquanto povos com suas próprias culturas, festividades e cultos religiosos, levando em consideração que este contingente era formado por uma grande variedade de grupos étnicos distintos que foram aqui misturados estrategicamente.

Os objetos produzidos por escravos e investigados nesta pesquisa, carregam marcas das identidades vindas de além-mar, partindo do pressuposto que embora houvesse tentativa, as complexidades culturais e identitárias não foram esquecidas. Tendo em vista a importância da cultura material, foram analisados diversos vestígios arqueológicos provenientes do projeto: Escavação do Quintal da Casa Chica da Silva, Diamantina, MG.

2. Metodologia

Para a metodologia, optou-se pela combinação da pesquisa bibliográfica (relatos de viajantes e memorialistas) com as análises do material arqueológico em laboratório. Pensando nos cachimbos como elemento importante no entendimento das tramas socioculturais em Diamantina nos oitocentos, há nesta pesquisa um enfoque na história daqueles que não tiveram a chance de escrevê-la.

Foram analisados cerca de 40 cachimbos, variando entre morfologias distintas. Traços geométricos e étnicos são maioria na decoração. E, embora o termo “decoração” apareça por diversas vezes nas análises, os traços no barro são entendidos como representação de um grupo carregado de simbolismo, aliando estilo à função.

A professora Tânia Andrade de Lima ressalta que é possível considerar que os -cachimbos cerâmicos foram utilizados como símbolos de identidade étnica, configurando assim uma estratégia de resistência (LIMA, 1993, p. 189). Com base nesse pressuposto, a pesquisadora sugeriu a comparação dos padrões decorativos com as escarificações dos negros.

Entretanto, Agostini (1998) argumenta que "[...] para entendermos como os cachimbos produzidos por negros no Brasil colonial podem ter servido como suportes para manifestação de etnicidade, é preciso considerá-los como veículos de informação que pode ser transmitida através de estilos específicos" (AGOSTINI, 1998:128). Nessa perspectiva, as marcas na cerâmica são aqui entendidas como intencionais e componentes ativos na identificação de grupos. Dessa forma, busca-se por meio da integração de análises bibliográfica, documental e arqueológica, compreender os comportamentos, pensamentos e sentimentos dos africanos escravizados, considerando-os como atores sociais, agentes da dinâmica social de seus tempos.

3. Fundamentação teórica e discussões

Os estudos referentes à escravidão estão, cada vez mais, entrelaçados com a Arqueologia História do Novo Mundo. Arqueólogos têm examinado tópicos como a cultura material da escravidão, dieta e subsistência escrava e o desenvolvimento e manutenção da cultura material associada à escravidão. Muitos arqueólogos também começaram a considerar as dimensões arqueológicas das religiões, mitos e simbolismo escatológico dos escravos (ORSER, 1990).

Os traços na cerâmica remetem a significados variados como, por exemplo, religiosos, simbólicos e étnicos. Entender o material, seu processo de produção e uso, como ritual simbólico é objetivo central deste estudo.

4. Resultados

Embora a pesquisa esteja em fase inicial, espera-se, a partir dela, compreender as dinâmicas da Arqueologia da Escravidão no Novo Mundo. Visto que homens e mulheres não aceitavam seus cativéis sem luta, são os cachimbos, objetos dessa resistência. Relaciona-se a importância do fumo no contexto em questão, as possibilidades e estratégias dos cativos, a produção e utilização dos cachimbos e, principalmente, as marcas decorativas com o universo escravista.

A investigação sobre a representação dos modos de vida(s) e cultura(s) dos escravizados está sendo desenvolvida no âmbito de uma metodologia que se pretende interdisciplinar. Como uma primeira fase da pesquisa, dedica-se à reunião e estudo do material bibliográfico selecionado.

Apesar das análises ainda estarem em fase inicial, é possível considerar que o material definido para estudo apresenta características relevantes que podem contribuir para com o entendimento sobre a trama social que se formou no âmbito da sociedade Diamantinense durante os *oitocentos*.

5. Considerações finais

Como compreender as dinâmicas sociais da escravidão, do escravo enquanto (re)produtor de suas próprias culturas, agente do seu tempo, foram os primeiros questionamentos que deram início a esta pesquisa. As vicissitudes tratadas aqui apresentam o material arqueológico e, mais especificamente, a Arqueologia, como complementos para entender este contingente repleto de particularidades.

A sociedade escravista, entendida não como uma massa homogênea, mas enquanto seres com suas próprias identidades, estratégias e sentimentos, é o elo central. A forma como esses sentimentos são marcados no barro, o questionamento. Espera-se através das análises, identificar esses sentimentos associando-os a uma resistência intencional e concreta. Homens e mulheres não aceitavam seus cativéis sem luta, a "decoração" é o traço marcante e real dessa luta.

6. Agradecimentos



Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP) onde se tem desenvolvido a pesquisa.

7. Referências bibliográficas

- AGOSTINI, C. Cultura material e a experiência africana no Sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 10, 2009.
- AGOSTINI, C. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*, UEPG: Ponta Grossa, 1998.
- MARCUSSI, Alexandre Almeida. Diagonais do afeto: teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social. USP. 2010.
- VERGER, PIERRE. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos*; dos séculos XVII a XIX. São Paulo, Edit. Corrupio, 1987.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o solar Lopo Gonçalves*. 208 f. Dissertação de mestrado. (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Porto Alegre, 1997.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: Novais, F.A. & Alencastro, L.F. (ed.). *História da vida privada no Brasil, Império: a corte e a modernidade nacional*, vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

A importância da religião como regulador da ordem social e dos costumes

Helena Gomes da Costa(1) ; Túlio Henrique Pinheiro(2)

1, 2 *Discentes do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)*

*E-mail da autora: hellennagomes@hotmail.com

Palavras Chave: religião; social; costumes

Resumo

O Nosso trabalho busca demonstrar de maneira compreensível a relação; indivíduo x religião, ou seja, como dogmas religiosos podem influenciar de maneira positiva ou negativa os costumes vivenciados em uma sociedade. Desde os primórdios da humanidade as religiões matem um papel fundamental na maneira de agir de nós humanos, a mesma nos influencia em vários aspectos como, por exemplo, nossa maneira de agir, pensar e em nosso modo de vida. Essa pretensão de vida gerada pela religião tende a criar de certa forma “marionetes” que por princípios religiosos seguem um estilo de vida visando uma “certa” recompensa no “juízo final”. A fé torna-se necessária para que muitos indivíduos tomem atitudes que o faz um cidadão íntegro e honesto perante as leis que regem os princípios legais e morais de uma sociedade. Muitas pessoas não roubam, furtam, atentam contra a vida, ou praticam algum ato tido como negativo, por um princípio religioso, pois o ato de furtrar ou roubar faz dele um pecador diante de um “Deus” que lhe deu a vida. Contudo meu trabalho busca apresentar, a importância da religião como um regulador social e fazer análise de como a religião exerce um papel fundamental no mundo em que vivemos, fazendo um paralelo geral entre o social e o pessoal, a religião enquanto reguladora das atitudes e instituidora da moral e ordem, analisando de

modo geral a religião e o religioso, os tipos de religiosos para cada tipo de religião, suas atitudes externas e internas pautadas em um ciclo cujo núcleo é a religião como instituição.

A pesquisa a ser realizada neste trabalho pode ser classificada como um processo no entendimento do quanto a religião se faz importante no auxílio do cumprimento de regras que regem uma sociedade. Isto porque a pesquisa faz-se explicar como um fato religioso influencia tanto a nossa vida a ponto de impelir ao ser humano as suas atitudes morais. Quanto à metodologia o trabalho faz a opção pelo método de pesquisa, entrevista, memória e história. Esta opção se justifica porque o método escolhido permite pesquisar em biografias de pensadores estudiosos da área, na condição de ter embasamento teórico ao mesmo tempo fazer usos da memória e da experiência do tempo presente, a memória é usada para fazer um paralelo do ontem e do hoje em um contexto histórico, a entrevista usará de uma linha na qual o entrevistado, consiga traçar o diferencial da religião enquanto construção da vida, em todos os aspectos, visando uma análise de como a religião tem poder instituidor de modos de vida. Essas entrevistas serão realizadas com pessoas mais velhas de áreas rurais e urbanas da cidade de Diamantina-MG. Com essa pesquisa, tende-se o intuito de analisar em todos os aspectos os tipos de religiosos que formaram ao longo dos anos.

Referências Bibliográficas

- FILOTEUS; Paulo: A importância da religião como regulador da ordem social e dos Costumes. *Wordpress*, mai. 2015.
- LUCAS; George: A religião, se há apenas um Deus porque tantas religiões? Congresso Internacional de Estudos religiosos, Recife 2002.
- GONTIJO; Daniel: A religião como agência controladora do comportamento. *Educação, mente/cérebro e religião*, dez 2011.
- MENDOÇA; Antônio Gouvêa, A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Caderno de estudos religiosos*, ago. 2004.

Os Templários segundo São Bernardo de Clarava

Arthur Benicio de Oliveira Mello*

Discente do curso de Bacharelado em Humanidades - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina - MG ,

*E-mail do autor: arthurbeniciooliveira@hotmail.com

1. Introdução

As ordens militares surgem no contexto das Cruzadas, no século XI, sendo a Ordem dos Templários a primeira a ser criada. Os Templários “obedeciam a um mestre, seguiam a uma regra e comprometiam-se a defender os peregrinos ao longo das rotas que levavam a Jerusalém” (DEMURGER, 2002.). A novidade encontrada em uma ordem como a dos Templários era a junção de duas das ordens idealizadas pelos monges: aqueles que lutavam e os que rezavam.

Na ordem idealizada pelos clérigos, a Cavalaria estava dentro da ordem daqueles que lutavam e comandavam. No início, os cavaleiros eram usados para proteger os vassalos e o feudo, mas também eram figuras utilizadas para espalhar o medo e a violência entre os camponeses. A violência empregada por estes incomodava a Igreja Católica, que começava a se institucionalizar. Era preciso fazer uma mudança na Cavalaria e em seus cavaleiros.

A historiografia discute se houve uma mudança na sociedade medieval a partir do ano 1000. Autores como Jean Flori e Alain Demurger vão defender que o ano 1000 vai ser um marco para as mudanças que serão observadas a partir de então. Já Dominic Barthélemy não acredita nessas mudanças ocorridas a partir do ano 1000.

Os ideais da Reforma Gregoriana e os movimentos de paz ocorridos na Idade Média influenciariam a forma como a Cavalaria agiria naquele tempo. A Igreja Católica tinha sua própria visão sobre a Cavalaria. Para combater aqueles que iam contra a igreja, os hereges e os pagãos a Igreja pretendia utilizar a cavalaria para atingir seus objetivos. Como Demurger afirma: "(...) a cavalaria devia defender os interesses da Igreja que se confundiam com os do papado, e não apenas proteger o território pontifício".

A reforma gregoriana teve papel importante na formação de ideia de cruzada. Não transformou a guerra justa em guerra santa, mas utilizou o conceito de combates sacralizados para ser um instrumento político na luta contra os pagãos, hereges ou aqueles que iam contra a Igreja. O movimento de reforma tinha o objetivo de libertar a igreja dos obstáculos morais, políticos e espirituais. Para conduzir esse plano de "libertação da igreja", Gregório VII deveria expandir o contingente de soldados que eram recrutados pelo patrimônio de São Pedro, uma vez que seu contingente já era insuficiente para a defesa. Mesmo que a questão militar não fosse uma preocupação imediata, ela passa a ser a principal preocupação do papa. Assim sendo, a estratégia para o recrutamento de uma força militar (*milites sancti Petri*) seria a de fazer acordos com príncipes e senhores feudais. A Santa Sé providenciaria recompensas materiais neste mundo e espirituais para o outro mundo. Jean Flori nos relata que era estabelecido um serviço (*servitium*) que, apesar de nunca especificado o significado, se tratava de um reforço militar e seria usado, não só para a defesa, mas para a proteção e recuperação de bens da igreja e reconquista de territórios das mãos dos inimigos da igreja.

Como dito antes, a violência da Cavalaria incomodava a Igreja, que tinha uma ideia de uma Cavalaria perfeita, virtuosa e que protegia os mais fracos. A Igreja toma medidas para limitar a violência da Cavalaria nos chamados "movimentos de paz" ou "paz de Deus" durante algumas datas do calendário cristão. Aqueles que desrespeitassem as tréguas seriam punidos pela Igreja. Essas medidas de trégua de Deus tinham duas consequências, segundo Demurger. A primeira diz respeito a uma abstinência de guerra, que seria usada para testar a fé dos Cavaleiros. Ora, se a Igreja punia aqueles que não respeitavam a trégua, quem seria louco o bastante para desafiá-la? A outra consequência era a formação de milícias de paz, algo que combatia o combate ruim. "A violência era efetivamente justificada se posta a serviço do Bem, da paz da Igreja" (Demurger, 2002).

Assim sendo, o conceito de guerra justa é utilizado para justificar a violência da Cavalaria em nome da Igreja. A guerra realizada pela Igreja é diferente da guerra realizada pelos pagãos. As guerras realizadas pelos pagãos eram violentas, vingativas, que saqueavam vilas e empregavam a violência contra os pobres e aqueles que não podiam se defender. A guerra da Igreja era diferente, uma vez que a violência era legitimada por uma autoridade pública, e na falta desta, por um bispo. Portanto, os dilemas encontrados pela Igreja em relação a violência são deixados de lado quando a solução encontrada é utilizar essa violência em favor da Igreja, como uma força de oposição, não só bélica, mas ideológica. A Cavalaria seria esse braço armado, de acordo com o ideal proposto.

A partir deste momento, a Cavalaria seria sacralizada e utilizada pela igreja em suas guerras justas. "O cavaleiro transformou-se em um herói piedoso que devia proteger as pessoas e os bens da igreja, os fracos, os pobres, as viúvas, os órfãos em nome de Deus. Seu objetivo supremo era a luta contra o infiel" (TATE, 2008). A Cavalaria passa a ser considerada *miles Christi*, os Soldados de Cristo que eram utilizados nas guerras santas. Os traços na cerâmica remetem a significados variados como, por exemplo, religiosos, simbólicos e étnicos.



Entender o material, seu processo de produção e uso, como ritual simbólico é objetivo central deste estudo.

2. Resultados

Embora a pesquisa esteja em fase inicial, espera-se, a partir dela, compreender as dinâmicas da Arqueologia da Escravidão no Novo Mundo. Visto que homens e mulheres não aceitavam seus cativos sem luta, são os cachimbos, objetos dessa resistência. Relaciona-se a importância do fumo no contexto em questão, as possibilidades e estratégias dos cativos, a produção e utilização dos cachimbos e, principalmente, as marcas decorativas com o universo escravista.

A investigação sobre a representação dos modos de vida(s) e cultura(s) dos escravizados está sendo desenvolvida no âmbito de uma metodologia que se pretende interdisciplinar. Como uma primeira fase da pesquisa, dedica-se à reunião e estudo do material bibliográfico selecionado.

Apesar das análises ainda estarem em fase inicial, é possível considerar que o material definido para estudo apresenta características relevantes que podem contribuir para com o entendimento sobre a trama social que se formou no âmbito da sociedade Diamantinense durante os *oitocentos*.

3. Considerações finais

Como compreender as dinâmicas sociais da escravidão, do escravo enquanto (re)produtor de suas próprias culturas, agente do seu tempo, foram os primeiros questionamentos que deram início a esta pesquisa. As vicissitudes tratadas aqui apresentam o material arqueológico e, mais especificamente, a Arqueologia, como complementos para entender este contingente repleto de particularidades.

A sociedade escravista, entendida não como uma massa homogênea, mas enquanto seres com suas próprias identidades, estratégias e sentimentos, é o elo central. A forma como esses sentimentos são marcados no barro, o questionamento. Espera-se através das análises, identificar esses sentimentos associando-os a uma resistência intencional e concreta. Homens e mulheres não aceitavam seus cativos sem luta, a “decoração” é o traço marcante e real dessa luta.

4. Agradecimentos

Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP) onde se tem desenvolvido a pesquisa.

5. Referências Bibliográficas

AGOSTINI, C. Cultura material e a experiência africana no Sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 10, 2009.

AGOSTINI, C. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século

XIX. *Revista de História Regional*, UEPG: Ponta Grossa, 1998.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. *Diagonais do afeto: teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social. USP. 2010.

VERGER, PIERRE. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos; dos séculos XVII a XIX*. São Paulo, Edit. Corrupio, 1987.



SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o solar Lopo Gonçalves*. 208 f. Dissertação de mestrado. (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Porto Alegre, 1997.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: Novais, F.A. & Alencastro, L.F. (ed.). *História da vida privada no Brasil, Império: a corte e a modernidade nacional*, vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

Sessão de comunicação V – 24/11 (sexta-feira)

O papel da escola na época da informação e suas tecnologias

Fernando Cesar Pereira Bueno(1); Dener Santos(2); Queila Ferreira(3); Renata Figueiredo de Souza(4); Samoel Martins Costa Bié(5); Juvenita do Carmo Neves Fernandes(6); Wellington de Oliveira(7)

1 Discente do curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

2,3 Discentes do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

4,5 Discentes do curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

6 Supervisora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

7 Docente do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

***E-mail do autor:** fernandocesarpereirabeuno@gmail.com

Palavras-chaves: ensino história; tecnologias da informação e comunicação; blog

1. Introdução

Este projeto foi idealizado pelo coordenador Prof. Dr. Wellington de Oliveira dentro do Programa de Incentivo à Docência (PIBID) e orientado pela supervisora professora Juvenita do Carmo Neves Fernandes.

Nos dias atuais é importante compreender os avanços tecnológicos e como a sociedade vem utilizando desses meios. O ambiente escolar não deve se abster dessa realidade, se integrar aos novos tempos é uma necessidade e não apenas uma opção. Nesse contexto o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas salas de aula deve ser efetivo para aprendizagem e não apenas um meio de entretenimento aos alunos para amenizar o tédio que os arcaicos métodos de ensino possam proporcionar.

Há necessidade de a escola estar adequada ao seu tempo, o professor deve assumir o papel de moderador de ideias em sala de aula e não apenas como um reproduzidor da informação de livros didáticos e que o aluno participe como sujeito ativo da educação tendo voz ativa dentro desse processo.

Neste projeto foram realizadas atividades dentro da Escola Estadual Leopoldo Miranda no centro da Cidade de Diamantina-MG, propondo o uso das TICs, inicialmente com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio, escolhendo como principal ferramenta o uso do Blog.

2. Metodologia

Buscar informações sobre a realidade do ensino de História e como as TICs poderiam auxiliar nesse processo de aprendizagem foi o caminho traçado no desenvolvimento das atividades desse projeto.

Em princípio as dificuldades se apresentavam como um grande obstáculo, pois a falta de estrutura adequada da escola aliado a falta de manutenção dos recursos já existentes dificultava a dinâmica do projeto. Dentro de uma ideia de superação e adequação a realidade da escola o projeto prosseguiu. Depois de conversas com o diretor, professores e alunos decidimos utilizar a ferramenta Blog que esta inserida dentro das TICs para colocar em ação algumas práticas pedagógicas de acordo com as realidades apresentadas. O Blog aparece como uma ferramenta simples que pode ser disponibilizado de forma gratuita na web, tem como principal característica o registro cronológico, frequente e imediato de opiniões, notícias, vídeos, imagens e qualquer outro tipo de informação.

3. Fundamentação teórica e discussões

A questão da aproximação dos ensinos escolares e das práticas sociais esta previsto na lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes da educação nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que também garantem o uso das TICs e apontam para necessidade de a escola dar oportunidade de o acesso às mídias e as tecnologias. Portanto o aluno deve ter o direito ao desenvolvimento cognitivo, acompanhando a realidade do seu tempo.

Paulo Freire acreditava que a escola deveria estar ajustada aos dias atuais, necessitava de atualização. Deveria estar aberta a novos saberes e descobertas e nunca dar as costas ao potencial de uma ferramenta valorosa para novos conhecimentos. Em uma discussão com o americano Seymour Papert no ano de 1996, Paulo Freire argumentou:

“(...) a minha questão não é acabar com a escola, é muda-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto à tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de por a escola a altura do seu tempo. E por a escola altura do seu tempo não é soterra-la, mas refaze-la.”

Uma escola de acordo com seu tempo necessita de coragem para encarar os desafios das informações instantâneas, professores atentos às novas fontes de pesquisa e capazes de estimular seus alunos a novos saberes com reflexão. A discutir as variadas fontes e se reinventar, aprender cada dia mais e utilizar dos recursos disponíveis no seu mundo. Com ética e boa vontade para crescer, com humildade e respeito às varias culturas.

Dentro da realidade da Escola Estadual Leopoldo Miranda, observamos essa distancia das praticas sociais e dos ensinos escolares. A proposta do uso das TICs através da ferramenta Blog visa diminuir essa distancia e oportunizar aos alunos e professores uma maior integração.

4. Resultados

Dentro das atividades foi possível perceber a dificuldade que alguns dos alunos tiveram em manusear o teclado, mouse ou mesmo pouca intimidade com programas de confecção de textos. Essas dificuldades apontaram para necessidade de mais trabalhos aproveitando recursos que se tem na escola, como a sala de informática e própria biblioteca que são pouco utilizados. No entanto, se percebe o interesse muito grande por parte dos alunos quando se apresenta uma alternativa aos antigos métodos pedagógicos em sala de aula.



O uso do Blog ocorreu com dificuldades, mas com o apoio todos conseguiram participar, postando seus textos com sucesso. Apesar dos problemas de acesso a rede, que ainda não é adequada, o que dificultava as postagens, mas com paciência e boa vontade todos conseguiram. O interessante que foi observado é que todos participaram apesar das dificuldades, demonstraram companheirismo aos colegas que tinham dificuldades e em alguns momentos as pesquisas renderam boas discussões.

5. Considerações finais

No geral os alunos corresponderam bem às expectativas iniciais de interação. A intenção é continuar o projeto até o final do ano e avaliar como foi o desenvolvimento nesse ano letivo. O Blog pode ser encontrado nesse endereço <https://historiaescolanormal.blogspot.com.br/> esse projeto busca maior aproximação entre a escola e as práticas sociais contemporâneas.

6. Agradecimentos

Agradecimento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

7. Referências

- BELLONI, Maria Luiza. *O que é Mídia da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2017.
- CRUZ, Sonia. Blogue, Youtube, Flickr e Delicious: Software Social, In: CARVALHO, Ana Amélia A. (Org.). *Manual de Ferramentas para Web 2.0 para professores*. Lisboa: Ministério da Educação, 2008. P. 15-40. Disponível em: http://webhosting.bombyte.org/~joao.gama/My%20Cmaps/As_Tic_%20no_%20Ensino/blogueyoutube.pdf. Acesso em: 02 jan. 2017.
- FREIRE, Paulo. *O futuro da escola*. São Paulo: TV PUC, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnVCyL9BwS8>. Acesso em 08 jan. 2017.
- BRASIL. Lei n° 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- PRETTO, Nelson de Luca (org.). *Globalização & organização: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distância e sociedade planetária*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

Trabalhando com 'mídias' - PIBID

Kamila Cristina De Souza(1*); Matheus Leão Rocha(2); Natalia Francisco (3)
1,2,3 Discentes do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

*E-mail da autora: kamilacristina322@yahoo.com.br

1. Introdução

O projeto trabalhando com 'mídias' foi aplicado junto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio da escola Estadual Professora Isabel Mota. Seu objetivo foi trazer para as aulas de História temas para realização de trabalhos em forma de mídia, através de uma experiência de aprendizagem participativa o objetivo era tratar o conteúdo de forma que os alunos pudessem compartilhar com colegas, professores e outras turmas da escola.



Tendo em vista o período vivenciado da pós-modernidade e a influência dos aparelhos tecnológicos no meio educacional, resultantes da globalização e do avanço tecnológico e visando que nem todas as instituições teriam acesso a esses aparelhos, o PIBID- de história da UFVJM, procurou desenvolver com os alunos dos primeiros anos da Escola Estadual Professora Isabel Mota, um projeto sendo realizado com a utilização de mídias. A fim de aprofundar e ampliar os conhecimentos adquiridos em aulas teóricas com a temática do Renascimento, relacionando a teoria com a prática.

2. Metodologia

Elaboraram-se aulas teóricas sobre o tema Renascimento, destacando os principais artistas, suas obras, o renascimento cultural e o artístico, o contexto histórico entre outros aspectos julgados relevantes. E a partir dessas aulas os alunos seriam divididos em pequenos grupos que seriam responsáveis por apresentarem através de seminários utilizando vídeos ou slides, alguns artistas do Renascimento, cultural e científico, suas obras, e contribuições.

3. Fundamentação teórica e Discussões

O objetivo principal do projeto foi o contato dos alunos com a mídia que atualmente está tão presente na vida acadêmica e também no mercado de trabalho. No desenvolvimento do trabalho buscamos explorar a compreensão do tema, das referências, da execução do trabalho e do comportamento ao apresentarem. E principalmente a interação de um aluno com o outro já que seria um trabalho em grupo.

4. Resultados

A partir das apresentações dos grupos percebemos que os alunos só encontraram dificuldades na apresentação dos seminários já que não estão acostumados na realização de seminários. Na realização dos slides e do, contudo não apresentaram dificuldades, já que foi um tema abordado em sala de aula.

5. Considerações finais

Ao longo das nossas atividades na escola e com as turmas dos primeiros anos o trabalho foi pensado de maneira que nossas intervenções ajudassem os alunos com o tema e como norte para desenvolvimento do trabalho.

A princípio a ideia era a divulgação desse trabalho de forma que pudessemos compartilhar com professores, colegas e expor de certa maneira para a escola, porém devido as dificuldades tanto nossa, dos alunos e a falta de recursos da escola conseguimos fazer um trabalho que envolvesse apenas as turmas escolhidas e a própria professora. Neste trabalho e ressaltado, experiências, dificuldades e acontecimentos que nos levam a reflexão das práticas pedagógicas na escola, o trabalho tinha como principal finalidade aproximar o conteúdo trabalhado em sala de aula com os alunos, de forma que estes alunos pudessem compartilhar esse aprendizado, em forma de mídia.

6. Agradecimentos

Capes e Escola Estadual Professora Isabel Motta.

Patrimônios em Cartas

Abner Miguel Rodrigues Pereira (1*); Joslane Kevelly Teles da Silva(2)



1,2 Discentes do curso Bacharelado em Humanidades - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

*E-mail do autor: Abner_embu@hotmail.com

Palavras-chave: educação patrimonial; jogos no ensino de história; cultura; Diamantina; identidade

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o material paradigmático “*Patrimônios em Cartas*”, a ideia surgiu da necessidade de um suporte auxiliar no ensino da Educação Patrimonial de Diamantina. No material serão abordados os seguintes temas: Igrejas e Capelas; Casas; Meio Ambiente; Festas religiosas e populares; Culinária; Artesanatos; Arqueologia; Músicas; Literaturas; Personalidades históricas; objetos do Museu diamante; imagens internas das Igrejas e Capelas; objetos da Casa da Glória. Cujo intuito é que os alunos obtenham acesso e conhecimento a respeito da cultura da cidade. Pretende-se nesse projeto informar a importância da educação patrimonial para formação e perpetuação da identidade do diamantinense, sabendo que compreender a cultura local, é uma das formas de preservação da memória coletiva. É importante salientar, que o jogo, não é restrito ao ensino de história, pelo contrário, pode ser trabalhado de modo interdisciplinar ou ser utilizado especificamente de acordo com a necessidade de cada disciplina.

2. Desenvolvimento

De acordo com Marcello Paniz Giacomoni no artigo “Construindo jogos para o Ensino de História” é fundamental definir: “Temática, os objetivos, a superfície, a dinâmica, as regras e o layout.” No processo de construção do jogo “*Patrimônios em cartas*” a temática escolhida foi a de Patrimônio Cultural (material e imaterial), da cidade de Diamantina.

Logo após a escolha do tema, foi pensado o objetivo pedagógico do “*Patrimônios em Cartas*”, que é permitir que os alunos trocassem experiências sobre os diversos patrimônios, partindo da premissa que eles conhecem e já tiveram contato com alguns; servir de introdução/fixação a determinado assunto que esteja presente nas cartas; usar como base para reflexão dos processos históricos da cidade, e dialogar a educação patrimonial com a interdisciplinaridade. Enquanto que o objetivo do jogo propriamente dito, é formar trincas com as cartas do mesmo tema, exemplo: se o jogador conseguiu reunir três trincas diferentes, sendo: “três literaturas, três músicas e três festas”, ele ganha a partida. O jogador poderá utilizar as cartas coringas para completar sua trinca, exemplo: o jogador tem duas cartas de músicas, ele pode utilizar uma carta coringa para formar a trinca.

A superfície utilizada é a de “cartas” com as seguintes características: Carta com imagem, nome, número, naipe e uma breve descrição do patrimônio. As regras e a dinâmica do jogo são: Ser jogado com quatro a oito jogadores; Cada jogador recebe 9 cartas no começo do jogo, as cartas que sobraem ficarão no maço no centro da roda, ganha quem fizer três trincas primeiro, podendo uma trinca ser formada por 3 cartas de uma mesma categoria e/ou por três cartas de um mesmo naipe, que conseqüentemente serão de categorias diferentes. O jogador deverá comprar uma carta do maço, e verificar se ela o ajuda a fazer as combinações desejadas, caso sim, ele fica com a carta e descarta outra, que esteja em sua mão ao lado do maço, o próximo pode pegar a carta que o último dispensou ou comprar uma do maço e assim sucessivamente. Caso o jogador não queira a carta que ele comprou, poderá descartá-la do lado do maço, e esperar o final da rodada para pegar a carta que o outro jogador dispensou ou pegar uma do maço.

3. Conclusão

Diante das propostas apresentadas neste trabalho, pode-se concluir que o jogo é uma ferramenta metodológica que auxilia no ensino e na aprendizagem, no texto “Brincar é Aprender” a autora Tânia Ramos Fortuna afirma que “a aprendizagem é a possibilidade de desenvolver a imaginação, o raciocínio, a expressão e a relação com o outro e consigo mesmo”.

Doravante, podemos compreender que levar um jogo para a sala de aula é uma forma de interação entre aluno e professor, propiciando aos alunos um contato divertido com os diversos patrimônios culturais presentes em Diamantina, proporcionando uma maior dinâmica no ensino, além do conhecimento sobre alguns patrimônios vivos da cidade que estão presentes no cotidiano da população. Incentivar o interesse dos alunos na preservação, no reconhecimento do patrimônio e da identidade cultural, reafirmando o papel de sujeitos-históricos desta sociedade diamantinense.

4. Agradecimentos

Programa Institucional Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID História – UFVJM).

5. Referências

- FORTUNA, T. R - *Brincar é Aprender*. Porto Alegre, Editora da Evangraf. LTDA, 2013.p. 63-98.
- GIACOMONI, M.P - *Construindo jogos para o Ensino de História*. Porto Alegre, Editora da Evangraf. LTDA, 2013.p. 117-146.
- GIACOMONI, M.P; Pereira, N.M- *Jogos e Ensino de história* (coletânea). Porto Alegre, Editora da Evangraf. LTDA, 2013.
- HORTA, M.L. Parreiras; Grunberg, E; Monteiro, A.Q-*Guia Básico da Educação Patrimonial*. Disponível no site (www.iphan.org.com)

A festa de Santo Antônio em Diamantina/MG

Marlene Jéssica Brito(1,*); Matheus Leão(2); Anderson Ribeiro(3);
Delaine Marques(4); Rhayane Santos(5); Douglas Silva(6);
Wellington Gonçalves(7); Elizabeth Seabra(8)

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 *Discentes do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)*

8 *Docente do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)*

*E-mail da autora: marlene.jbrito@gmail.com

Palavras-chave: Santo Antônio; festa; Diamantina

1. Introdução

No decorrer do primeiro semestre de 2017 elaborou-se na disciplina *Prática de Ensino de História I*, ministrada pela professora Elizabeth Seabra, o projeto “A festa de Santo Antônio em Diamantina/MG” com o objetivo de debater as relações entre a história ensinada pelos manuais e programas oficiais e os saberes locais não escolarizados, aqui representados, pela Festa de Santo Antônio em Diamantina. Além disso, os discentes de *Prática de Ensino de História I* procuraram fazer um exercício de pesquisa e reflexão sobre as diferentes



representações das festas de Santo Antônio, padroeiro de aproximadamente 79 municípios em Minas Gerais, inclusive Diamantina.

2. Metodologia

O primeiro passo para a realização do projeto foi a escolha de qual aspecto da festa de Santo Antônio iríamos pesquisar. Decidimos pela vertente cultural e, conseqüentemente, a religiosa. Contudo, não deixamos de notar características econômicas e políticas que se mostraram presentes na festa.

Durante as aulas de Prática de Ensino de História I lemos alguns artigos para nos servir de base teórica e dividimos as tarefas a serem cumpridas por cada discente da turma. Estas tarefas consistiam em pesquisas de campo antes e durante a festa do dia 13 de junho, utilizando fotografias e pesquisa oral; pesquisas virtuais sobre as diferentes representações imagéticas do santo e locais onde ele é padroeiro.

Em seguida decidimos sobre o material que seria produzido com esta pesquisa. Depois de várias propostas definimos que seria feito um caderno artesanal com a apresentação do projeto; imagens e; trechos de música, responsório e poemas sobre Santo Antônio.

No dia da festa, e antes dela, fomos para a pesquisa de campo para observarmos os rituais presentes nesta comemoração religiosa e conversarmos com os participantes do evento. Já em sala de aula organizamos nossas pesquisas e refletimos sobre os resultados da mesma. Fizemos a seleção de imagens e de pequenas citações para colocar no caderno artesanal, assim como, o material a ser utilizado para sua feitura.

Por fim, montamos o caderno e o apresentamos para algumas turmas do curso de História.

3. Fundamentação Teórica e Discussões

Como mencionado por Silva e Fonseca (2010), nas últimas três décadas alguns fetiches marcaram os debates em torno do Ensino de História, dentre eles, o fetiche da cultura escolar isolada de outras culturas (não escolar, tradições populares, universitária, industrial) e o fetiche da Academia como único lugar do saber. Tais concepções, são extremamente prejudiciais para o ensino de história, já que, reduz a escola a uma instituição que não dialoga com outros espaços culturais e, desqualifica os professores e alunos do ensino básico, além de não valorizar a sociedade como fonte de saber.

Contrariando tais concepções, o projeto encontrou na festa de Santo Antônio um espaço de aprendizado fora do ambiente acadêmico. Podemos perceber que esta comemoração, além de seu aspecto religioso e cultural, também apresentava elementos econômicos e resquícios de divisão social.

Durante a festa vendedores ambulantes aproveitam para ganhar algum dinheiro extra, e as vendas de comidas e bebidas durante a quermesse, apesar de, segundo os organizadores do evento, serem destinados à Igreja, não deixam de caracterizar o aspecto econômico.

Observamos também duas tradições de festas de Santo Antônio com representações diferentes. Uma acontece na sede da Associação Pão de Santo Antônio no bairro Rio Grande com missa e procissão, em que se conduz a imagem do santo pelas ruas próximas, e outra, acontece na Igreja da Sé (Catedral) localizada no centro de Diamantina, em que se utiliza uma imagem/representação de Santo Antônio diferente daquela usada pela procissão do Rio Grande. O que nos chamou atenção foi o fato de que as duas procissões não se encontram e que se destinam a públicos diferentes.

Refletindo sobre isso, reforçamos a ideia de que o saber não está apenas no ambiente acadêmico ou no livro didático, mas também nas tradições populares e nas facetas sociais. Como nos disse Silva e Fonseca (2010, p. 27) “resta enfatizar que nem tudo é livro didático, que o ensino se dá por múltiplos caminhos e que a produção de materiais didáticos, de forma



descentralizada e vinculada a realidades específicas de aprendizagem, deve ser apoiada e valorizada”.

Laville (1999) em sua pesquisa acerca do ensino de história conclui que é uma ilusão achar que se pode regular as consciências e os comportamentos por meio do ensino de história, pois a família, o meio social, os meios de comunicação e as circunstâncias em que vivemos tem muito mais influência sobre nós do que a narrativa histórica. Portanto, devemos também prezar pelo aprendizado que está fora do ambiente escolar ou acadêmico, e nesse sentido, valorizar outras formas de conhecimento, como este que adquirimos com a festa de Santo Antônio.

4. Resultados

O inventário sobre a festa de Santo Antônio aprofundou o conhecimento sobre esta manifestação cultural e levou à produção de um caderno artesanal como forma de exposição pública desse saber, assim como, a apresentação das reflexões obtidas em sala de aula.

5. Considerações Finais

É de singular importância levar para o ensino de história outras formas de práticas de ensino, seja através do uso da imaginação ou das nossas habilidades artesanais. Estamos em um momento em que é muito fácil ficar nas mesmas práticas de ensino, sempre lendo autores conceituados e discutindo suas teorias, mas nunca as colocando em prática. Ou nunca saindo da nossa zona de conforto para conhecer a riqueza cultural e suas características, que às vezes está tão próximo do nosso mundo historiográfico. É isso que o projeto sobre a festa de Santo Antônio fez, nos tirou da sala de aula e nos mostrou um saber diferente daquele que conhecíamos, estimulou nossa imaginação e nossas qualidades manuais e, sobretudo, nos mostrou que o conhecimento pode ser encontrado em qualquer lugar.

6. Referências

- LAVILLE, Christian. *A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história*. Rev. Bras. Hist. 1999, vol.19, n.38, pp. 125-138.
- SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. Rev. Bras. Hist. 2010, v.30, n.60, pp.13-33.

Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: produção do conhecimento no ensino de História a partir da imprensa enquanto fonte histórica

Wellington Carlos Gonçalves*

Discente do curso de Bacharelado em Humanidades - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina - MG

*E-mail do autor: wcghist@hotmail.com

Palavras-chave: museu, ensino de história, imprensa.

Resumo

O presente trabalho é fruto do projeto de intervenção pedagógica realizado no primeiro semestre de 2017, ligado ao estágio supervisionado da licenciatura em História na Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, na cidade Diamantina-MG. O projeto foi desenvolvido com os alunos do oitavo ano do ensino fundamental da Escola Estadual



Professora Gabriela Neves. Localizada num bairro periférico de Diamantina, a escola é mantida pelo governo do Estado de Minas Gerais e oferece à comunidade diamantinense as séries dos ensinamentos fundamental e médio.

O objetivo geral da intervenção foi apresentar os jornais como fontes históricas e a sua importância para a pesquisa e produção do conhecimento. O documento histórico – ou fonte histórica, como também é conhecido – é um importante instrumento para o labor do historiador e do pesquisador de diferentes áreas do conhecimento, e também para o professor de História interessado na efetiva produção do conhecimento. Compreender o significado da importância histórica e social dos jornais foi o principal objetivo da intervenção. Para exemplificar e tornar palpável a pertinência do documento histórico, de modo geral, e da imprensa, de modo específico, realizou-se uma visita técnica ao Museu Tipografia Pão de Santo Antônio. Esse espaço museal apresenta um acervo que (re)guarda parte da história da imprensa da cidade de Diamantina, tendo sido imprimido ali, por quase um século (1906-1990), os periódicos *Pão de Santo Antônio* (1906-1936) e *A Voz de Diamantina* (1936), este último ainda em circulação, porém, impresso em outra gráfica da cidade.

Justifica-se essa ação por compreender que a utilização da imprensa como fonte, tanto na pesquisa científica, como na sala de aula, é um importante instrumento para a produção de conhecimentos. Sendo assim, pensar os jornais como fontes históricas nos coloca na condição de sujeitos históricos, atores sociais que constroem e deixam vestígios nos mais diferentes formatos.

A temática sobre as fontes históricas no ensino de História tem sido relacionada a várias questões, como por exemplo, as relações do aluno com a História, e consequentemente, o seu papel social na sua comunidade. O ensino de história e o contato direto com os documentos históricos realizados *in loco* podem fomentar aspectos importantes relacionando o ensino e o aprendizado, fazendo com que determinados assuntos coexistam nos âmbitos concretos e simbólicos. Neste caminho, uma pesquisa sobre a visita ao Museu Tipografia Pão de Santo Antônio se justifica, por tornar palpáveis aos alunos, os processos de produção de jornais durante o século XX na cidade de Diamantina. Além disso, o Museu apresenta um acervo com mais de 4.000 jornais, disponibilizados em acervos materiais e digitais, acessíveis para pesquisa, além de outros objetos museais. A visita ao Museu Tipografia Pão de Santo Antônio proporcionou a construção de relações entre o que foi discutido em sala de aula com as realidades sociais da cidade de Diamantina, tendo como foco, alguns jornais da imprensa que circulou na cidade, ampliando assim, os conhecimentos e abrangendo outros espaços formativos não escolares. A questão dos espaços e práticas sociais da cidade como espaço de construção do conhecimento histórico foi abordado pela pesquisadora Luciana Rossato:

Muito sabemos que a história é decorrente do que aprendemos na escola. No entanto, também aprendemos sobre o passado em outros espaços, no convívio com pessoas mais velhas, andando pela cidade e conhecendo espaços memorialísticos e/ou museológicos, bem como consumindo diferentes produtos culturais, como filmes, telenovelas, jogos digitais, propagandas, telejornais, programas de variedades e os mais variados tipos de materiais impressos (ROSSATO, 2013, p. 75).

A visita ao museu, em conjunto com as aulas expositivas, proporcionaram outras experiências educativas aos alunos, ao professor supervisor e ao estagiário. Tornar agradável o ensino de História requer construir relações entre espaços não escolares e os conteúdos ministrados em sala de aula. Neste contexto, analisou-se vários objetos de estudo que os



museus podem proporcionar, contudo, a ênfase recaiu nos objetos expostos e na sua relação com os conteúdos didáticos.

Referências bibliográficas

- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007.
- GONÇALVES, Wellington Carlos. *Na encruzilhada das tradições: conflitos religiosos na década de 1940 em Diamantina, Minas Gerais*. 48 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017.
- GOODWIN JÚNIOR, James William. *Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- _____. Mediações entre o Ensino de História e Patrimônio. In: ZAMBONI, Ernesta; GALZERANI, Maria Carolina B.; PACIEVITCH, Caroline (Orgs.). *Memória, Sensibilidades e Saberes*. Campinas: Editora Alínea, 2015.
- PEREIRA, Junia Sales. Ensino de História e Patrimônio na Relação Museu-escola. In: ZAMBONI, Ernesta; GALZERANI, Maria Carolina B.; PACIEVITCH, Caroline (Orgs.). *Memória, Sensibilidades e Saberes*. Campinas: Editora Alínea, 2015.
- _____. (Org.). *Escola e Museus: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura; Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Cefor, 2007.
- ROSSATO, Luciana. Cultura Histórica e memória: o passado veiculado nos impressos turísticos. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ZAMBONI, Ernesta. (Org.). *Ensino de história, memória e culturas*. Curitiba: CRV, 2013.
- SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque. *Visitas de estudantes a museus: formação histórica, patrimônio e memória*. 202 f. (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.